

O Self-Directed Learning (SDL) na aprendizagem do português em Macau : análise da aplicação “Diz lá”

Keng Hang Leung

Dissertação de Mestrado em Português como Língua Segunda e Estrangeira

Março de 2024

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Português como Língua Segunda e Estrangeira, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Susete da Conceição Costa Albino.

Agradecimentos

A jornada de estes dois anos académicos em Portugal é uma experiência inesquecível e valiosa para o meu percurso de aprendizagem da língua portuguesa. Ao completar este curso de mestrado, continuarei o caminho no trabalho desta língua e insistirá com a minha maior paixão possível. Queria, portanto, agradecer sinceramente a todas as pessoas que me dão apoio.

À Professora Doutora Susete da Conceição Costa Albino, minha orientadora, agradeço a sua confiança, orientação, responsabilidade, e o suporte ao longo este trabalho. Muito obrigado, também pelo seu ensino e pela sua patilha dos conhecimentos durante o ano letivo.

À minha namorada, IEONG KA I, a minha melhor amiga, agradeço a sua companhia em Portugal e o seu suporte desde a nossa licenciatura em Macau. Sem o seu suporte, a minha jornada em Portugal não seria acontecer.

Aos meus pais, agradeço os seus apoios desde o início da minha aprendizagem do português, sem as suas recomendações durante o estudo na escola secundária, não me seria dedicar ao estudo desta língua.

Agradeço, por último, todas as professores e instrutores que me ensinaram a língua, eles são também uma parte imprescindível para a minha proficiência linguística.

O Self-Directed Learning (SDL) na aprendizagem do português em Macau: análise da aplicação “Diz lá”

Resumo

Numa sociedade em constante transformação, o autodidatismo (“self-learning”) na aquisição/aprendizagem de uma língua segunda (L2) tornou-se uma prática comum. Assim, a aprendizagem do português na China não passa exclusivamente por momentos formais. Fora da sala de aula, os aprendentes podem ver canais televisivos portugueses, ouvir rádio e *podcasts* em português, ler jornais portugueses, estudar a partir de materiais existentes no mercado para o estudo autónomo, entre outros. Esta dissertação tem como objetivo explorar e analisar a aplicação de telemóvel “Diz lá”, concebida especificamente para aprendentes chineses de português como língua estrangeira pelo Laboratório de Tradução Automática Chinês-Português-Inglês da Universidade Politécnica de Macau. Assim, em primeiro lugar, a partir do modelo de M. Knowles (1975), discute-se o conceito de *Self-Directed Learning* (SDL), abordando as suas características únicas e observando as suas virtualidades e os desafios que coloca em termos de desenvolvimento das competências comunicativa e estrutural. Também se examina o conceito de *Self-Regulated Learning* (SRL), com base nas perspetivas de Loeng (2020) e Linkous (2021), e se efetua uma análise comparativa entre o *self-learning* e os métodos tradicionais de aprendizagem. Para além disso, é explorada a progressão histórica das tecnologias de aprendizagem de línguas, desde o *Computer-Assisted Language Learning* (CALL) até o *Mobile-Assisted Language Learning* (MALL), seguida de uma avaliação do seu potencial na aquisição das mesmas. Por fim, tendo como suporte os capítulos anteriores, realiza-se a análise da *App* “Diz lá” e observam-se os pontos fortes e as limitações apontadas pelos seus utilizadores, recorrendo-se, para o efeito, à aplicação de um inquérito por questionário *online* e ao tratamento dos dados obtidos.

Palavras-chave: Aquisição/Aprendizagem de uma L2; Self-Directed Learning (SDL); Aprendizagem do Português em Macau; Telemóvel; App “Diz lá”

Self-Directed Learning (SDL) at Portuguese Learning in Macau: analysis of application “Diz lá”

Abstract

In today's rapidly changing world, autodidacticism (self-learning) has emerged as a common approach for acquiring a second language. Learning Portuguese in China is not limited to formal classroom settings. Learners have access to various resources, such as Portuguese television channels, radio programs, podcasts, newspapers, and self-study materials available in the market. This dissertation explores and analyzes the "Diz-lá" mobile application, specifically designed for Chinese learners of Portuguese as a foreign language by the Translation Laboratory of the Polytechnic University of Macau. Firstly, drawing upon M. Knowles's (1975) model, we discuss the concept of Self-Directed Learning (SDL), examining its unique characteristics, potential, and challenges in developing communicative and structural skills. Additionally, we examine the concept of Self-Regulated Learning (SRL) based on the perspectives of Loeng (2020) and Linkous (2021), and conduct a comparative analysis between self-learning and traditional learning methods. Furthermore, we trace the historical progression of language learning technologies, from Computer-Assisted Language Learning (CALL) to Mobile-Assisted Language Learning (MALL). It then evaluates their potential for aiding language acquisition. Furthermore, drawing from the preceding chapters, the "Diz lá" application will be analyzed, and the strengths and weaknesses identified by its users are observed. The analysis is based on an online survey completed by users, and the collected data is processed.

Keywords: Acquisition/Learning of a Second Language; Self-Directed Learning (SDL); Portuguese Learning in Macau; Mobile Phone; App “Diz lá”.

ÍNDICE

Introdução.....	1
1. Aquisição/Aprendizagem de uma L2	3
1.1 Aquisição vs aprendizagem.....	3
1.2 Conceito de L2	5
1.3 Aquisição/Aprendizagem de uma Língua Não Materna	6
1.3.1 As cinco hipóteses de Stephen Krashen	6
2. O Self-Directed Learning (SDL).....	9
2.1 Conceito de Self-Directed Learning (SDL).....	9
2.2 Características de Self-Directed Learning (SDL)	10
2.3 Diferenças entre Self-Directed Learning (SDL) e o Self-Regulated Learning (SRL).....	12
2.3.1 Características do Self-Directed Learning (SDL)	12
2.3.2 Distinção entre o SDL e SRL	14
3. O SDL na aprendizagem de uma L2	16
3.1 Potencialidades do SDL no desenvolvimento da competência comunicativa e estrutural.....	16
3.1.1. Potencialidades do SDL	16
3.1.2. Potencialidades no desenvolvimento da competência comunicativa e estrutural de uma L2.....	18
3.2. Limitações do SDL no desenvolvimento das competência comunicativa e estrutural.....	21
3.2.1. Limitações do SDL.....	21
3.3. Comparação entre o <i>self-learning</i> e os métodos tradicionais de ensino de uma L2.....	25
3.3.1. O Método Tradicional (Gramática-tradução).....	26
3.3.2. O Método Direto	27
3.3.3. O Método Áudio-oral	27
3.3.4. Comparação entre o SDL e os métodos tradicionais.....	28
4. A utilização das tecnologias móveis na aprendizagem de uma L2	32
4.1. A evolução histórica do recurso às tecnologias no ensino-aprendizagem de línguas	32
4.2. <i>E-learning</i> , <i>b-learning</i> e <i>m-learning</i>	34
4.2.1. Relações entre <i>e-learning</i> , <i>b-learning</i> e <i>m-learning</i>	34
4.2.2. Aplicação do SDL no âmbito do <i>e-learning</i> e <i>m-learning</i>	37
4.3. Especificidades do uso das tecnologias móveis na aprendizagem de uma L2	38
5. Análise da aplicação para telemóveis “Diz lá!”	43
5.1. O ensino-aprendizagem do português em Macau: breves considerações ...	43
5.1.1. Plano de difusão da língua portuguesa	44
5.1.2. O Programa de Iniciação de Aprendizagem da Língua Portuguesa .	45

5.2. Contexto de desenvolvimento da App "Diz lá!"	46
5.3. Características da App "Diz lá!"	48
5.3.1. Palavra do dia	49
5.3.2. Vocabulário	50
5.3.3. Comunicação	51
5.3.4. Conjugador e Vídeo.....	52
5.3.5. Jogo	54
5.4. Pontos fortes e limitações da App	54
5.4.1. Conteúdos diversificados e pragmáticos	54
5.4.2. Conjugador móvel	56
5.4.3. Escassez de conteúdos na categoria Vídeo.....	57
5.4.4. Limitação semântica dos significados chineses no Conjugador	57
5.4.5. Falhas na secção Jogo.....	58
5.5. Sugestões de melhoria	58
Considerações finais.....	61
Referências bibliográficas	63
Webgrafia	68
ANEXOS.....	69
ANEXO 1	70

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Semelhanças e diferenças entre SDL e SRL

Figura 2 - Comparação entre o SDL e os métodos tradicionais de ensino de línguas

Figura 3 - O logotipo da App “Diz lá!”

Figura 4 - Página principal da App “Diz lá!”

Figura 5 - As quatro principais funções da “Diz lá!”

Figura 6 - Função “Palavra do Dia”

Figura 7 - Lista de palavras da categoria “Culinária de Macau”

Figura 8 - Lista de frases da categoria “Gastronomia Portuguesa”

Figura 9 - Função “Conjugador”

Figura 10 - Função “Vídeo”

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

App – Aplicação

ASL - Aquisição de Segunda Língua

CALL - Computer Assisted Language Learning

CAPLE - Centro de Avaliação e Certificação de Português Língua Estrangeira

CPCLP - Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa

DSEDJ - Direcção dos Serviços de Educação e de Desenvolvimento da Juventude

CPELAB - Laboratório de Tradução Automática Chinês / Português / Inglês

EPM - Escola Portuguesa de Macau

IPOR - Instituto Português do Oriente

IPM - Instituto Politécnico de Macau

L1 - Primeira Língua

L2 – Segunda Língua

LAD - Language Acquisition Device

LE - Língua Estrangeira

LNМ – Língua Não Materna

LM - Língua Materna

MALL - Mobile-Assisted Language Learning

PLP - Países da língua portuguesa

QECR - Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

RAEM - Região Administrativa Especial de Macau

SDL - Self-Directed Learning

SRL - Self-Regulated Learning

SL - Self-Learning

UMAC - Universidade de Macau

UPM - Universidade Politécnica de Macau

TTS - Text to Speech

Introdução

A vida moderna é fortemente moldada pelos avanços tecnológicos. Estas mudanças influenciam grandemente a forma como adquirimos conhecimentos e nos relacionamos com o nosso ambiente. Esta evolução também tem um impacto notável na aprendizagem de línguas não materna, pois os dispositivos móveis e as aplicações especializadas permitem uma aprendizagem simplificada das línguas. A aprendizagem autónoma, ou o *Self-Directed Learning* (SDL), tem uma importância fundamental na aprendizagem móvel. Permite que os indivíduos se envolvam ativamente, assumindo o controlo dos seus percursos de aprendizagem. Isto promove a independência e a automotivação. Tirando partido da acessibilidade e da comodidade proporcionadas pelas aplicações móveis, os aprendentes podem adaptar os estudos às suas necessidades, interesses e preferências de aprendizagem pessoais.

A Universidade Politécnica de Macau (UPM) deu um passo significativo no domínio dos avanços tecnológicos, ao lançar a Aplicação (App) móvel "Diz lá!", uma iniciativa inovadora que visa facilitar e melhorar a aquisição da língua portuguesa pelos estudantes residentes em Macau e na China. Esta ferramenta inovadora tem como objetivo fornecer aos estudantes uma plataforma conveniente e de fácil acesso, permitindo-lhes reforçar a sua proficiência na língua portuguesa. No entanto, é imperativo aprofundar e obter uma compreensão abrangente desta App, avaliando assim a sua eficácia e adequação como um recurso para a aprendizagem autónoma da língua portuguesa.

Esta investigação, procura, portanto, examinar de forma abrangente o papel central do SDL na aquisição de uma língua não materna. O estudo analisa a App "Diz lá!", aprofundando uma investigação dos atributos do SDL e do seu profundo significado no domínio de uma língua não materna. Para além disso, a dissertação explora as potencialidades e as limitações do SDL no cultivo da proficiência linguística comunicativa e estrutural. Incorpora, ainda, uma avaliação comparativa das metodologias convencionais de ensino de L2 e da abordagem de aprendizagem autónoma, identificando os respetivos pontos fortes e fracos. Este trabalho é relevante, na medida em que contribui para a compreensão da aprendizagem autónoma e da sua aplicação pragmática na promoção da aquisição autónoma da língua portuguesa. A abordagem metodológica engloba uma análise documental, bem como a aplicação de um inquérito aos aprendentes de português em Macau, aprofundando as suas experiências com tecnologias móveis para a aquisição de línguas e o seu envolvimento com a App "Diz lá", obtendo assim uma

compreensão abrangente das experiências dos utilizadores e das características distintivas desta aplicação.

O trabalho é composto por cinco capítulos, cada um deles explora diversas facetas do tema. No primeiro capítulo, estabelecem-se as bases teóricas, abordando conceitos-chave na aquisição e aprendizagem de L2, tais como as diferenças entre aquisição e aprendizagem, e as cinco hipóteses da aquisição de uma segunda língua de Stephen Krashen (1982). O segundo capítulo aprofunda o conceito do SDL segundo o modelo de M. Knowles (1975), delineando as suas características e contrastando-o com o *Self-Regulated Learning* (SRL), com base nas perspetivas de Loeng (2020) e Linkous (2021). Já no terceiro capítulo, avalia-se o potencial do SDL no contexto da aprendizagem de L2, especificamente no desenvolvimento da competência comunicativa e estrutural, uma comparação entre o *self-learning* e as metodologias tradicionais de ensino de L2/LE.

Para o domínio tecnológico, já no quarto capítulo, aborda-se o papel das tecnologias móveis na facilitação da aprendizagem de L2. Trata-se a evolução histórica da aprendizagem móvel desde a *Computer-Assisted Language Learning* (CALL) até a *Mobile-Assisted Language Learning* (MALL) e efetua-se a distinção entre *e-learning*, *b-learning* e *m-learning*. Partindo desta base, o último capítulo apresenta uma análise detalhada da App "Diz lá!", concebida para apoiar a aprendizagem de língua portuguesa. Este capítulo aborda o desenvolvimento do ensino-aprendizagem do português em Macau, contextualiza a App e observa os seus pontos fortes, apresenta e discute os resultados obtidos nos inquéritos por questionário aplicados *online* a utilizadores da App e identifica as limitações da App. Finalmente, combinando os resultados e as conclusões, apresentam-se sugestões construtivas para a aperfeiçoamento a App "Diz lá!"

1. Aquisição/Aprendizagem de uma L2

A língua é uma forma distinta de transmitir pensamentos e ideias que as pessoas de uma mesma origem ou região geográfica utilizam e compreendem. Embora outros seres vivos também possuam meios de comunicação, a linguagem é uma capacidade exclusivamente humana. Ao mergulharmos no vasto domínio da linguagem, deparamo-nos com duas vias principais: a aquisição e a aprendizagem. Apesar de parecerem inicialmente sinónimos, estes termos denotam processos distintos e intrincados envolvidos no desenvolvimento das capacidades linguísticas humanas.

1.1 Aquisição vs aprendizagem

As pessoas aprendem a língua de forma natural e instintiva, sem compreenderem conscientemente as regras gramaticais. Este processo é particularmente evidente quando estão a adquirir a sua primeira língua (L1), ou seja, a língua materna (LM). Os indivíduos repetem frequentemente o que ouvem e desenvolvem gradualmente uma compreensão do que é linguisticamente correto. Para que uma criança aprenda uma língua, precisa de uma fonte natural de comunicação, normalmente a mãe, o pai ou uma pessoa que cuide dela. As crianças que crescem em ambientes multilingues adquirem naturalmente várias línguas, imitam o que ouvem e brincam com os sons até conseguirem formar palavras e frases com significado que os outros possam compreender. Depois, utilizam propositadamente estas competências linguísticas na sua comunicação. Segundo Silva (2007), quando os indivíduos aprendem uma língua, possuem naturalmente uma capacidade inerente para compreender e exprimir uma vasta gama de frases e expressões. Esta capacidade resulta da ativação de um processo ou teoria gramatical na sua mente. A aquisição da linguagem está biologicamente enraizada nos aprendentes à medida que o seu cérebro se desenvolve, com o ambiente a servir de catalisador para o seu aparecimento.

Isto corresponde à perspetiva do linguista Noam Chomsky. Segundo Chomsky (1965), todas as crianças possuem uma faculdade linguística inata no seu cérebro que organiza a produção e a compreensão da fala. Referiu-se a esta capacidade inata de aquisição da linguagem como *Language Acquisition Device* (LAD). Para Chomsky, a

estrutura do cérebro humano é responsável pela nossa capacidade de aquisição da linguagem, dependendo das nossas capacidades cognitivas e do nosso desempenho (Okoro, Urenyere, Osuji, 2022). Em termos de LAD, reflete uma área específica do cérebro e da mente de uma criança. O input relaciona-se com os dados linguísticos primários, que incluem as frases produzidas pelos adultos no ambiente da criança durante os seus primeiros anos de desenvolvimento linguístico. Como o output, constrói uma gramática que reflete a língua específica a que a criança está exposta (Clark, Lappin, 2013). O processo de aquisição de uma nova língua envolve frequentemente um ensino estruturado, em que os professores empregam metodologias especializadas para orientar os alunos na compreensão das regras de uma determinada língua. Durante este percurso, os professores tendem a dar prioridade à transmissão do quadro linguístico e das construções gramaticais em detrimento de textos específicos. Consequentemente, os professores passam tempo a explicar as regras gramaticais aos alunos que, por sua vez, se concentram em compreender e interiorizar essas regras e estruturas.

Segundo a investigação de Schirmer, Fontoura & Nunes (2004), a aprendizagem

é construção, ação e tomada de consciência da coordenação das ações. O aluno irá construir seu conhecimento através de uma história individual já percorrida, tendo uma estrutura, ou com base em condições prévias de todo o aprender, além de ser exposto ao conteúdo necessário para seu aprendizado. (p.S99)

Aliás, no processo de aprendizagem de uma língua, cada aprendente pode atingir um nível diferente, dependendo da sua condição pessoal e da sua competência linguística. Para os mesmos autores, em relação à aprendizagem específica da leitura e da escrita, esta “está vinculada a um conjunto de fatores que adota como princípios o domínio da linguagem e a capacidade de simbolização, devendo haver condições internas e externas necessárias ao seu desenvolvimento” (Schirmer, Fontoura & Nunes, 2004, p.S99).

No que diz respeito à proficiência linguística, a aprendizagem exige um esforço consciente por parte do aluno ao contrário da aquisição natural de uma língua. A aprendizagem de uma língua é um passo crucial, mas não é o único fator para atingir a fluência. Existe uma distinção significativa entre aprendizagem e aquisição de uma nova língua quando se trata de alcançar o domínio. A aprendizagem é um processo

mais consciente e deliberado. Por outro lado, a aquisição é de natureza mais subconsciente, ocorrendo como nas experiências de imersão. Tanto a aprendizagem como a aquisição desempenham papéis igualmente importantes na obtenção da fluência.

1.2 Conceito de L2

Uma segunda língua é aquela que alguém utiliza além da sua língua materna, cujo objetivo é o seu uso como língua auxiliar. Os linguistas e educadores referem-se normalmente à primeira língua como L1, ou seja, língua materna. Por outro lado, o termo L2 engloba todas as línguas subsequentes estudadas, muitas vezes referidas como segunda língua (L2) ou língua estrangeira (LE). Para Madeira (2017), a L2 remete para

um contexto de aprendizagem em que o falante não-nativo se encontra no seio de uma comunidade em que a língua é utilizada num grande número de situações de comunicação, tendo o falante, assim, oportunidade para participar em interações comunicativas quer com falantes nativos da língua quer com outros falantes não-nativos. (p.306)

No estudo de Spinassé (2006), está indicada que a L2

não é necessariamente uma segunda, no sentido de que haverá uma terceira, uma quarta, e assim por diante. "Segunda" está para "outra que não a primeira (a materna)", e a ordem de aquisição se torna irrelevante desde que não se trate de mais uma L1. Dependendo de como a língua foi adquirida, ela pode ser classificada de uma forma ou de outra. (p.6)

A distinção entre L2 e uma LE depende do contexto linguístico e do ambiente educativo. Embora nenhuma delas seja a língua materna, uma L2 é adquirida num ambiente onde é utilizada para a comunicação, enquanto uma LE é geralmente aprendida fora do seu contexto cultural. No contexto de LE, “o aprendente encontra-se num contexto em que a exposição à língua ocorre sobretudo em situações de aprendizagem formal, nas quais os conteúdos linguísticos lhe são apresentados

sequencialmente e de forma estruturada” (Madeira, 2017). Significa que se tem “recorrido a aspetos como ambiente de imersão e de não imersão, de modo que, quando se aprende no próprio país da língua-alvo, ela é considerada como segunda (L2), e, quando adquirida e/ou aprendida fora desse ambiente, é considerada LE” (Ramos, 2021).

1.3 Aquisição/Aprendizagem de uma Língua Não Materna

A aquisição de uma língua não materna, conhecido como aquisição de segunda língua (ASL), é um processo crucial para muitos aprendentes de línguas. A ASL refere-se ao processo de aprendizagem de uma língua diferente da língua materna, quer através de imersão natural, quer através de instrução formal. Para a maior parte dos indivíduos, a ASL começa durante a adolescência ou a idade adulta, quando o cérebro, os órgãos da fala e os músculos associados atingem fases avançadas de desenvolvimento. Como o ritmo de produção de nova célula cerebral abranda durante esta fase, o domínio das competências linguísticas pode revelar-se mais difícil do que na infância. No entanto, os adultos possuem capacidades superiores de raciocínio indutivo e são excelentes no reconhecimento de padrões, o que lhes permite ter uma compreensão abrangente do conhecimento linguístico. Por outro lado, fatores como a autoconsciência e a autoestima podem prejudicar a motivação dos adultos para aprender, colocando obstáculos no seu percurso de aquisição de línguas.

1.3.1 As cinco hipóteses de Stephen Krashen

Ao falar sobre como aprendemos uma segunda língua, encontramos várias ideias resultantes de anos de estudos efetuados por especialistas. Este tema continua a ser objeto de discussão entre as pessoas da área do ensino das línguas. Apesar de não haver uma ideia universalmente aceite, conhecer as diferentes teorias pode ajudar os aprendentes de línguas a tornar o seu caminho um pouco mais fácil. Uma figura-chave nesta área é Stephen Krashen (1982), que introduziu conceitos fundamentais que desencadearam discussões sobre o termo "aquisição" no domínio da aprendizagem de

uma segunda língua. Durante a década de 1980, Krashen foi autor de várias publicações com o objetivo de formular um modelo de aprendizagem de línguas apelidado de "Teoria do Monitor".

- A Hipótese da Aquisição-Aprendizagem: Krashen estabelece a distinção entre “Aquisição” e “Aprendizagem” como central. Para o investigador, o desempenho numa segunda língua envolve dois sistemas distintos: “Aquisição” e “Aprendizagem”. A aquisição desenvolve-se através de processos subconscientes, à semelhança da forma como as crianças adquirem a sua primeira língua. Este processo baseia-se em interações significativas na língua-alvo, centrando-se mais na comunicação eficaz do que nas estruturas gramaticais. A aprendizagem é o produto da instrução formal e compreende um processo consciente que resulta num conhecimento consciente sobre a língua, por exemplo, o conhecimento das regras gramaticais. Uma abordagem dedutiva num contexto centrado no professor produz "aprendizagem", enquanto uma abordagem indutiva num contexto centrado no aluno conduz à "aquisição".
- A Hipótese do Monitor: A hipótese do Monitor explora a ligação entre a aquisição e a aprendizagem e aponta para o facto de a nossa gramática aprendida servir como uma ferramenta prática para monitorizar a nossa fala ou escrita. De acordo com esta hipótese, os aprendentes aplicam conscientemente regras e estruturas gramaticais em vez de se concentrarem no significado, focalizando a precisão e a correção linguística na utilização da língua.
- A Hipótese da Ordem Natural: A hipótese deriva da observação de que os aprendentes de línguas adquirem universalmente estruturas gramaticais numa ordem específica e consistente. Certas estruturas gramaticais são normalmente aprendidas mais cedo do que outras no processo de aquisição da língua, independentemente de fatores como a idade do aprendente, o contexto da sua primeira língua ou as condições de exposição.
- A Hipótese do Input: Esta hipótese aplica-se ao processo de "aquisição" e não ao de "aprendizagem". De acordo com a perspetiva, os aprendentes de línguas progredem naturalmente quando recebem “input” na segunda língua que é relativamente mais avançado do que o seu nível atual de proficiência. Por exemplo, se um aprendente se encontra na fase "i", a aquisição ocorre quando é exposto a um “input compreensível” que pertence ao nível "i + 1". Uma vez

que nem todos os alunos atingem o mesmo nível de proficiência ao mesmo tempo, Krashen sugere que a planificação de um programa de ensino deve centrar-se no fornecimento o de *input* comunicativo natural. Desta forma, garante-se que cada aluno recebe o *input* adequado à sua fase específica de competência linguística.

- A Hipótese do Filtro Afetivo: Os fatores emocionais podem ter impacto na aquisição de línguas através do chamado filtro afetivo. Este filtro é influenciado por vários elementos, como a motivação, a autoconfiança, os níveis de ansiedade e os traços de personalidade. De acordo com Krashen, os indivíduos que possuem elevados níveis de motivação, autoconfiança, baixos níveis de ansiedade e personalidades extrovertidas têm mais probabilidades de ter sucesso na aquisição de uma segunda língua. Por outro lado, a baixa motivação, a baixa autoestima, a ansiedade, a introversão e a inibição podem aumentar o filtro afetivo e criar um "bloqueio mental" que impede a utilização de *input* compreensível para a aquisição da língua. Em termos mais simples: quando o filtro é "altamente ativado", impede a aprendizagem efetiva da língua.

Estas hipóteses acrescentadas por Krashen esclarecem que depender apenas da aprendizagem não tornaria uma pessoa fluente na língua. Considera Krashen que há diferenças entre adquirir e aprender uma língua, em outras palavras, são dois processos diferentes. Com o tempo, os aprendentes progredirão gradualmente para o processo de aquisição através da aprendizagem. Os fatores exteriores e interiores também desempenham o seu papel. Aspetos como a nossa psicologia, determinação e autoconfiança em falar a língua afetam a nossa aquisição de uma segunda língua ou estrangeira. No aspeto exterior, o ambiente de aprendizagem e contexto linguístico, e até mesmo o conteúdo que aprendemos, são importantes. Todos estes elementos interagem entre si, tornando o percurso de aprendizagem de línguas de cada um distinto e dependente da sua experiência e circunstâncias únicas.

2. O Self-Directed Learning (SDL)

No processo de aprendizagem de uma língua não materna, o tutor e as aulas estruturadas ajudam certamente a orientar os alunos para um ambiente de aprendizagem proativo. No entanto, um aspeto fundamental para dominar com êxito uma nova língua é a sua aplicação fora da sala de aula. Esta capacidade de incorporar os conhecimentos linguísticos da sala de aula na vida quotidiana demonstra um firme empenho em dominar uma nova língua. Esta é a essência do *Self-Learning* (SL), uma parte crucial da aquisição de uma língua.

O SL significa que o aluno assume o controlo do seu próprio domínio da matéria, sendo que não depende totalmente do ensino tradicional ou da orientação de um professor. Os alunos do SL estabelecem objetivos para si próprios, escolhem materiais e técnicas de estudo que funcionam melhor para eles e aprendem sem os prazos ou testes habituais do estilo escolar.

Este tipo de aprendizagem requer organização e capacidade de concentração. Isto inclui definição de objetivos, gestão do tempo, pesquisa e avaliação de informação, etc. Os aprendentes podem utilizar diferentes recursos, como livros pedagógicos, recursos *online* ou participação em eventos específicos, permitindo responder a diferentes preferências e necessidades de aprendizagem. Através de uma aprendizagem individual, os alunos podem cultivar um espírito de independência, pensamento inovador e capacidade de resolução de problemas.

2.1 Conceito de Self-Directed Learning (SDL)

Quando se fala sobre do Self-Directed Learning (SDL), fala-se de um método de aprendizagem em que os aprendentes orientam o seu estudo, eles definem as suas estratégias, objetivos e metas. Além disso, realizam-nos num prazo fixo. Esta aprendizagem estimula os alunos a apreenderem autonomamente os conceitos de acordo com a sua própria compreensão. Além disso, orienta-os para avaliarem o seu desempenho e interpretarem o seu sucesso.

A "aprendizagem autónoma" foi tratada pela primeira vez nos anos 70 na educação de adultos, na América do Norte e no ensino de línguas na Europa. A psicologia humanista e o ativismo estudantil dos anos 60 desempenharam um papel importante na sua popularidade (Pemberton, Cooker, 2012).

No domínio da educação de adultos, Malcolm Knowles (1975) publicou o livro *Self-Directed Learning: A guide for learner and teachers*, que fez do Self-Directed Learning um tema em destaque na América do Norte. Como indicado, o SDL é uma aprendizagem guiada pelo aprendente e não por outra pessoa. De facto, a maior parte da investigação sobre a aprendizagem autónoma de adultos tem-se centrado nas etapas de organização, execução e avaliação das tarefas de aprendizagem, ou seja, as partes técnicas ou metodológicas de ser responsável da sua própria aprendizagem. Neste contexto, Knowles (1975, p.18) definiu o SDL como

a process in which individuals take the initiative, with or without the help of others, in diagnosing their learning needs, formulating learning goals, identifying human and material resources for learning, choosing, and implementing learning strategies, and evaluating learning outcomes.

Em suma, o SDL é um plano de estudo que estimula a aprendizagem autónoma. Os alunos controlam o seu próprio estudo e avançam ao seu ritmo. A inclusão do SDL no ensino pode funcionar eficazmente, ajudando a um crescimento completo do aluno, sendo um suplemento para além da aprendizagem tradicional. Ao aplicar o SDL, os alunos não dependem com excesso de professores ou instrutores. Este método não consiste em os professores dizerem tudo, mas sim em os alunos aprenderem ativamente.

2.2 Características de Self-Directed Learning (SDL)

No que diz respeito à aprendizagem cognitiva, a aprendizagem autónoma surge como a estratégia mais importante. A sua eficácia e eficiência na absorção de informação factual são inegáveis, mas tem uma desvantagem notável: é essencialmente passiva. A retenção de conteúdos pode não atingir os estádios alcançados através de metodologias de aprendizagem alternativas. Portanto, os aprendentes do SDL, segundo Tekkol & Delmirel (2018), possuem uma série das características:

- Estabelecem objetivos claros para si próprios.
- Moldam o seu processo de aprendizagem de acordo com objetivos e planos.
- Monitorizam o seu próprio processo de aprendizagem.
- Avaliam os resultados da sua própria aprendizagem.
- São autónomos.
- Têm motivação.
- Estão abertos à aprendizagem.
- São curiosos.
- Têm vontade de aprender.
- Valorizam a aprendizagem.
- Têm autocontrolo.

Os alunos autónomos podem procurar o conhecimento através de vários métodos de ensino. Para obter sucesso nesta abordagem, é necessário um programa educativo definido para compreender os objetivos e registar os progressos. O aprendiz precisa primeiro de compreender o estudo autodirigido antes de formar atividades educativas para o cultivar. Segundo Robinson & Persky (2020), o SDL envolve um processo de seis fases com variação:

1. Determinar objetivos para a investigação;
2. Delinear a forma como se avaliará o alcance desses objetivos;
3. Organizar a sequência e a estrutura dos conteúdos;
4. Estabelecer um calendário para completar os conteúdos;
5. Reconhecer recursos para alcançar cada objetivo;
6. Encontrar instrutores para darem opiniões sobre os estudos.

De um ponto de vista analítico, o SDL tem uma associação primária com a autonomia e a motivação dos aprendentes. Para manter eficazmente estes dois aspetos, entram em jogo vários fatores. Em primeiro lugar, a curiosidade e o entusiasmo dos alunos pela aprendizagem são cruciais. Em segundo lugar, o ambiente de aprendizagem em que se encontram desempenha um papel significativo na influência da sua autonomia e automotivação. Afinal de contas, a aprendizagem não é um esforço solitário. De acordo com Knowles (1975, 1990), a aprendizagem não acontece isoladamente, ocorre em conjunto com outros, como professores, tutores e colegas. Este processo pode ser visto como um *continuum*, que vai desde a orientação completa

por professores ou outras pessoas, até à auto-orientação. À medida que se passa de um extremo para o outro, o nível de controlo sobre o processo de aprendizagem e a liberdade para avaliar as necessidades de aprendizagem, determinar o conteúdo da aprendizagem e utilizar estratégias de aprendizagem eficazes também muda (Fisher *et al.*, 2001, citado por Loyens *et al.*, 2008).

Neste caso, no domínio do ensino, em particular do ensino das línguas, os educadores podem esforçar-se frequentemente por capacitar os alunos para se tornarem aprendentes autónomos numa etapa precoce. Esta abordagem inovadora funciona como um catalisador, impulsionando os alunos para um rápido domínio de uma segunda língua ou de uma língua estrangeira. Quando se trata de promover aprendentes autónomos, é possível adotar uma abordagem de *scaffolding*¹, a qual implica a introdução de uma combinação de atividades orientadas pelo professor e de tarefas autónomas desde o início, durante o ensino didático². Esta combinação estratégica permite que os alunos regulem a sua própria aprendizagem, transferindo-os gradualmente dos limites da sala de aula para o ambiente experimental dinâmico. Ao embarcarem nesta viagem educativa, o instrutor liberta o controlo, permitindo que o aluno tome as rédeas. Esta estrutura transformadora implica iniciar atividades mais autónomas e fornecer ao aluno uma orientação preciosa para cultivar a autorregulação (Robinson, Persky, 2020).

2.3 Diferenças entre Self-Directed Learning (SDL) e o Self-Regulated Learning (SRL)

2.3.1 Características do Self-Directed Learning (SDL)

No mundo atual, em constante mudança, os estudantes enfrentam uma tarefa cada vez mais crucial: avaliar e melhorar a sua própria aprendizagem. Longe vão os dias em que

¹ O termo *scaffolding* significa que os instrutores dão diferentes níveis de apoio aos alunos, ajudando-os a compreender melhor e a aprender novas competências. Eventualmente, tornam-se alunos mais independentes. Fonte: <https://www.edglossary.org/scaffolding/>

² O ensino didático é uma forma de ensino centrada no professor, o professor dá aulas e os alunos recebem conhecimentos. É particularmente bom quando há informação factual específica a ser partilhada. Fonte: <https://www.ncpedia.org/glossary/didactic-instruction>

se absorvia passivamente a informação. Para serem bem sucedidos, os indivíduos devem adotar a aprendizagem ao longo da vida, mantendo-se cognitivamente ágeis e capazes de avaliar o seu progresso. O sistema educativo coloca desafios, uma vez que os alunos sem concentração e perseverança ficam enredados numa teia de distrações. Os alunos também precisam de estratégias de autoavaliação para identificar e enfrentar as suas áreas mais fracas. Alguns alunos encaram as condições de estudo assustadoras, as aulas desconcertantes ou os textos complexos como obstáculos intransponíveis. No entanto, com a autorregulação, estes obstáculos podem ser possivelmente desmoronados, permitindo-lhes descobrir soluções eficazes e conquistar o seu percurso de aprendizagem. Um método da aprendizagem relacionado com as competências cognitiva e da autorregulação é o Self-Regulated Learning (SRL), que apresenta algumas semelhanças com o SDL.

O SRL é, de acordo com o site *A Learning Journey*, um processo dinâmico em que o aprendente realiza o seu desejo de aprender de forma independente. O aprendente define objetivos educativos, monitoriza esses objetivos e controla os seus processos de pensamento, entusiasmo e ações para atingir esses objetivos. O professor ou instrutor pode dar algumas orientações e perspectivas iniciais (A Learning Journey, 2017). A metodologia foi primeiramente introduzida em 1989, pelo educador Barry J. Zimmerman. Na investigação, Zimmerman considerou no processo do SRL, “students can be described as self-regulated to the degree that they are metacognitively, motivationally, and behaviourally active participants in their own learning process (Zimmerman, 1989 p. 329).

Além da sua definição, indica que o SRL é um processo cíclico, em que o aluno organiza a tarefa, monitoriza o seu desempenho e depois reflete sobre o seu estudo. O ciclo repete-se quando o aluno utiliza a reflexão para se ajustar e se preparar para a tarefa seguinte. O processo não tem uma formulação única, deve ser adaptado a cada aluno e a cada tarefa de aprendizagem específica (Zimmerman, 2002). O modelo do SRL de Zimmerman (2000) desenvolve-se em três fases: *forethought*, *performance* e *self-reflection*. A fase de *forethought* implica que os alunos analisem a tarefa, definam objetivos, planeiam passos para atingir esses objetivos e o processo é impulsionado por convicções motivacionais que ativam estratégias de aprendizagem. Durante a fase de *performance*, a tarefa é efetivamente executada pelos alunos, acompanhando os progressos e utilizando táticas de controlo para se manterem mentalmente envolvidos e ansiosos em a concluir. Na última fase, *self-reflection*, os alunos avaliam o seu

desempenho. O sucesso e o fracasso são avaliados. Estas avaliações desencadeiam reações que podem influenciar a forma como os alunos lidam com a tarefa em desempenhos futuros, de forma positiva ou negativa (Panadero, 2017).

2.3.2 Distinção entre o SDL e SRL

Os termos *self-directed learning* e *self-regulated learning* são frequentemente utilizados de forma indistinta. Esta utilização permutável pode causar confusão na compreensão. Por isso, é fundamental separar os dois conceitos de aprendizagem. As definições do SDL e do SRL realçam a importância da motivação dos alunos. Sem a vontade de aprender, é difícil que tenham um bom desempenho no SDL ou no SRL. No entanto, a ligação com a motivação é muitas vezes sublinhada nos estudos sobre o SRL. Quando se analisam os estudos sobre o SRL, a tónica recai sobre o interesse dos alunos e elementos motivacionais, como a autoeficácia e a motivação podem sustentar o SRL. Nos estudos sobre o SDL, embora o papel da motivação seja considerado importante, existe normalmente uma lacuna no que diz respeito à investigação sobre motivadores específicos. Apesar de o SDL e o SRL terem nomes e tradições diferentes, ambos são significativamente semelhantes na sua essência

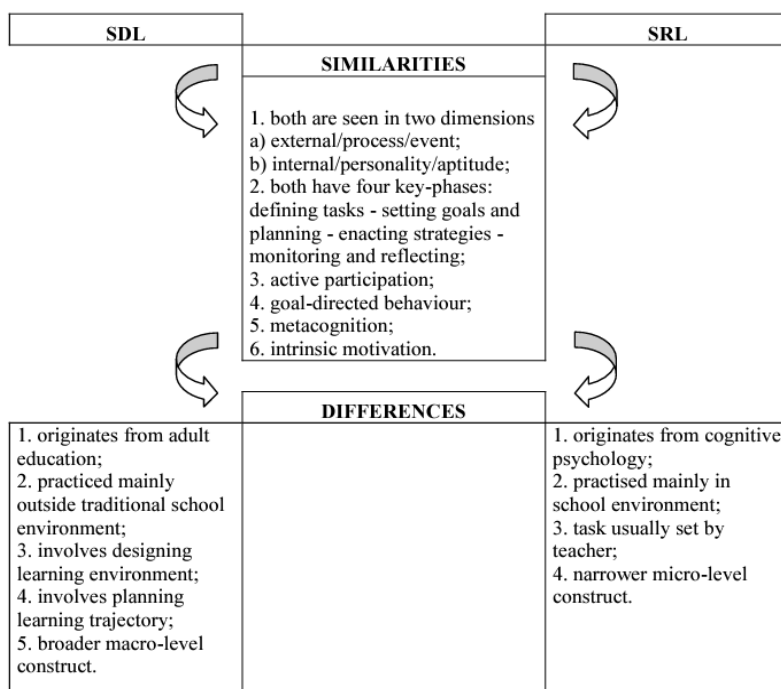
O SDL e o SRL são semelhantes em vários aspectos. Por outras palavras, ambos os métodos sugerem uma participação pró-ativa e ações específicas. Estes conceitos englobam a definição de objetivos, a divisão de tarefas, a execução do plano estruturado e a autoavaliação do percurso de aprendizagem (Loyens *et al.*, 2008). Na figura 1, podemos verificar que os dois métodos servem os aprendentes para:

- Definir materiais (ordem e duração do estudo):
- Identificar os seus próprios recursos;
- A participação ativa (automotivação):
- Aumentar consciência metacognitiva.

No entanto, uma diferença entre eles é o sítio onde a aprendizagem ocorre, sendo que o SDL é aplicado fora do ambiente escolar tradicional e o SRL é maioritariamente utilizado na escola. É verdade que tanto o SDL como o SRL exigem que o aprendente assuma o controlo. No entanto, a quantidade de controle,

especialmente no início da aprendizagem, varia entre as duas. No processo do SDL, o aprendiz define sempre a tarefa de aprendizagem, iniciando ele o próprio processo. Por outro lado, no SRL, o professor pode introduzir a tarefa de aprendizagem. Os alunos podem escolher os seus métodos de aprendizagem e participar em atividades do SRL numa tarefa que é dada pelo professor. Isto mostra que o SDL pode incluir o SRL, mas não o contrário. O SRL está frequentemente ligado às fases seguintes da aprendizagem, como os objetivos e as estratégias. No entanto, o SDL dá prioridade ao papel do aprendiz no início da tarefa (Loyens *et al.*, 2008).

Figura 1 – Semelhanças e diferenças entre SDL e SRL



Fonte: Saks & Leijan (2013, p.193)

3. O SDL na aprendizagem de uma L2

O SDL tem a potencialidade de funcionar com muita eficiência para aumentar a proficiência de L2/LE depois de ter tido uma aula presencial. O SDL faz com que o aprendente seja o responsável, aumentando a liberdade, a motivação na aprendizagem. Pode-se decidir a forma de aprendizagem e os recursos linguísticos, o que torna o processo da aprendizagem mais pessoal e divertida.

Adicionalmente, o SDL ajuda-os a melhorar competências importantes como o pensamento crítico, a resolução de problemas e a autoavaliação, que são importantes para a aprendizagem de uma língua não nativa. No entanto, o SDL nem sempre é fácil. O método exige muito autocontrolo, planeamento e perseverança dos aprendentes. No final das contas, o uso do SDL ao aprender uma língua pode dar aos aprendentes o poder de direccionar o seu próprio caminho de aprendizagem e melhorar e ser fluente na sua língua-alvo.

3.1 Potencialidades do SDL no desenvolvimento da competência comunicativa e estrutural

3.1.1. Potencialidades do SDL

O sistema educativo está sempre a mudar, especialmente quando as aulas normais passam a ser também *online*, como no ensino a distância³ e nas plataformas *online* de aprendizagem. Estas novas formas de aprender dão aos aprendentes mais opções. Quer seja durante o ano letivo ou nas férias, os aprendentes podem agora assistir às matérias com diversidades quando quiserem, desenvolvendo competências importantes que os ajudarão para sempre.

³ O ensino à distância, o aluno e o professor estão fisicamente separados durante a maior parte ou a totalidade do processo de aprendizagem. A comunicação é efetuada através de vários meios tecnológicos, uma vez que o aluno e o professor ocupam locais diferentes. Fonte: <https://portal.uab.pt/o-que-e-o-ensino-a-distancia/>

Todos os alunos são diferentes e únicos e o SDL já provou isso. Ao permitir que os aprendentes aprendam da forma que lhes convém, podem escolher o que ajuda a aprender melhor. Se fizerem projetos divertidos ou resolverem problemas, os alunos podem fazer com que a sua aprendizagem seja mais eficaz.

Knowles (1975) indica que há provas de que os aprendentes que se dedicam à aprendizagem aprendem mais e melhor do que os ensinados ou orientados passivamente. Os aprendentes autónomos têm uma motivação acrescida e mais direcionada e tendem a pôr em prática o que aprenderam na vida quotidiana mais do que os outros. Por outro lado, algumas pessoas conseguem fazer as suas próprias escolhas melhor do que outras da mesma faixa etária. Aqueles que escolhem o que fazer por si próprios tendem a agir com mais maturidade. Suanmali (1981) considera que o processo da maturidade interfere nomeadamente na capacidade de se “liderar” a si próprio. Quanto mais for capaz de se orientar de forma autónoma, mais maturidade evidencia.

O relatório *Education for Work and Life*, do National Research Council Report (NRC, 2012), destacou a *self-direction*. Esta competência é vista como uma competência relacionada com a consciencialização. A consciencialização pode ter um impacto profundo no trabalho e nos estudos. Imagina-se que uma pessoa que é *self-directed*, é capaz de assumir a liderança na aprendizagem e estabelecer objetivos de forma mais adequada. Esta iniciativa ajuda a aumentar a sua concentração e motivação, tornando a aprendizagem ativa e importante. Além disso, este sentido de iniciativa faz com que verifiquem o seu próprio processo e crescimento na aprendizagem, o que lhes permite ajustar os seus métodos de aprendizagem e melhorar o seu desempenho. Em suma, o desenvolvimento da consciencialização é fundamental para promover atitudes e resultados positivos na aprendizagem.

Além do desenvolvimento pessoal, os trabalhos em equipa estão intimamente ligados ao estudo independente. Os aprendentes podem melhorar a sua capacidade relacionada com o SDL quando interagem uns com os outros. Os aspetos internos ligados ao SDL crescem quando os alunos têm oportunidade de participar em atividades de grupo. Estas atividades envolvem colaboração, trabalho em equipa, comunicação e resolução das divergências.

A investigação mencionada mostrou que o trabalho em conjunto, os trabalhos em equipa e o pedido de ajuda aos colegas ou aos orientadores e instrutores aumentam

a responsabilidade pessoal e a independência (e.g., NRC, 2012, p. 97). Portanto, as evidências indicadas em cima mostram que o SDL constitui uma competência adequada e favorável para quem tem vontade de beneficiar de aprendizagem eficaz, já os indivíduos que não estavam habituados a aprender autonomamente com frequências sentiam-se normalmente ansiosos e assustados quando lhes eram dadas tarefas que exigiam trabalhos autónomos (Williamson, 2007). Estes aprendentes evitavam geralmente atividades auto-orientadas se não tivessem utilizado anteriormente técnicas associadas ao SDL em situações de estudo organizadas (Hiemstra & Brockett, 1994).

Como já foi referido, o SDL pode tornar os conteúdos da aprendizagem mais personalizados, aumentar a autonomia pessoal e desenvolver capacidades de resolução de problemas. Suponha-se que os aprendentes obtêm resultados positivos com SDL, nesse caso, começarão a divertir-se mais quando aprendem, aumentando a sua autoestima, o seu interesse, o seu empenho e a sua confiança. Esta confiança pode ajudar a reduzir o nível de stress e a melhorar a sua saúde mental.

Brockett (1985) propõe que quem tem como objetivo ser autónomo, possa aumentar a sua independência e satisfação com a vida. Grover *et al.* (2017) indica também que, independentemente dos motivos da sua participação, o envolvimento no SDL pode levar a um maior contentamento na vida. Por outro lado, Jenkins (2015) efetuou uma investigação aprofundada sobre a relação entre o bem-estar e a aprendizagem dos adultos mais velhos. Os seus resultados revelam que a aprendizagem informal (o SDL pode considerar-se uma aprendizagem informal) pode aumentar o bem-estar. De um modo geral, SDL enriquece a nossa saúde mental, potenciando um pensamento mais brilhante, mais confiante e empenhado.

3.1.2. Potencialidades no desenvolvimento da competência comunicativa e estrutural de uma L2

A competência comunicativa (ou simplesmente, a capacidade de comunicação) é algo em que a investigação se tem concentrado mais recentemente. É considerada igualmente importante, tal como a produção da escrita e o desenvolvimento do pensamento crítico e a resolução de problemas. Então, em termos da competência comunicativa, esta é apontada como uma competência que envolve o conhecimento de

padrões eficazes de comunicação e a habilidade de usá-los e adaptá-los em diversas situações (Cooley & Roach, 1984). Segundo Silva (2004),

a competência comunicativa de um falante está condicionada ao conhecimento de um amplo vocabulário, de vários itens sintáticos e de aspectos paralinguísticos e sinestésicos da língua-alvo. Somente assim um falante é capaz de atuar com sucesso num contexto eminentemente comunicativo. (p.8)

Segundo Hymes (2007), a competência comunicativa pode ser definida como o domínio de "padrões de comportamento sociolinguístico da língua-alvo". O principal objetivo da aquisição de competências noutra língua é a comunicação eficaz. Uma sólida compreensão do vocabulário e da gramática é vital. No entanto, os alunos devem também exprimir-se em situações reais.

De facto, a aplicação dos elementos como a fonologia, o léxico e a sintaxe na vida quotidiana é essencial, ao mesmo tempo que se familiariza com a forma como as interações fluem normalmente. Uma vez que as regras do discurso diferem entre a L1 e as L2/LE, a compreensão destas convenções permite transmitir, interpretar e responder adequadamente às mensagens. Portanto, segundo o enquadramento de Canale & Swain (1980), a competência comunicativa envolve quatro aspetos: a competência gramatical (ou estrutural), a competência sociolinguística, a competência discursiva e a competência estratégica.

Nesta perspetiva, o desenvolvimento das competência gramatical desempenha um papel fundamental no reforço das capacidades comunicativas. Normalmente, os aprendentes de uma L2 ou LE começam com os elementos básicos da língua, como o vocabulário, a estrutura das frases e as regras gramaticais, antes de utilizarem esses conhecimentos para interagir com os outros.

Assim, estes dois conjuntos de competências - gramática e comunicação - evoluem em simultâneo, mas os seus níveis de progressão podem ser diferentes. O SDL pode ajudar a cultivar as capacidades linguísticas, permitindo que os aprendentes orientem a sua própria aprendizagem de línguas, explorando e desenvolvendo os seus conhecimentos de uma língua que receberam em cursos de línguas formais. Esta forma de aprendizagem incentiva o crescimento das capacidades linguísticas, alarga o vocabulário e ajuda a compreensão da gramática. Isto resulta numa melhoria das capacidades de compreensão oral, fala, leitura e escrita.

No capítulo 3.1.1., já foram indicadas as potencialidades do SDL, nomeadamente a autonomia, a personalização dos conteúdos de aprendizagem, a motivação, o desenvolvimento da saúde mental e o aperfeiçoamento da capacidade de cooperar e comunicar com os outros. Em primeiro lugar, a personalização permite que os aprendentes selecionem os livros pedagógicos ou recursos de aprendizagem fora das aulas que consideram interessantes ou valiosos, dependendo das áreas que pretendem melhorar, como a gramática e o vocabulário.

Para além dos livros, os alunos têm a opção de utilizar ferramentas *online*, como sites de notícias, para ler notícias ou artigos de opinião, expandindo o seu reportório lexical e melhorando a sua escrita. Além disso, as ferramentas *online* não se limitam aos sítios de notícias. Os alunos podem assistir aos vídeos ou *podcasts* para melhorar as suas capacidades de compreensão oral e ajudando a compreender os contextos falados pelos nativos. Ao aprender neste estilo, é possível formar hábitos de estudo sólidos, permitindo aos alunos avançar no processo da aprendizagem de uma língua. Gradualmente, encontrar-se-ão mais motivados para aprofundarem os seus conhecimentos nesta língua e a sua apetência para a aprendizagem vai aumentando.

Além disso, depois de alcançarem os resultados correspondentes no processo de aprendizagem de línguas, a confiança na utilização da língua aumentará, porque um dos fatores mais importantes para conseguir comunicar fluentemente numa língua não materna é o aspeto da autoconfiança.

Tal como referido nas teorias anteriormente citadas, um aprendente extrovertido tem maior tendência para adquirir com sucesso uma segunda língua ou uma língua estrangeira, porque os falantes não nativos extrovertidos sentem-se relativamente menos desconfortáveis com a possibilidade de cometerem erros na utilização da língua e são mais capazes de aprender com os seus erros, sendo muito mais provável que tenham um nível mais elevado de proficiência oral do que aqueles que têm relutância em utilizar uma língua não nativa devido à sua insegurança.

A este respeito, pode demonstrar-se que os falantes não nativos extrovertidos podem facilitar a cooperação e a comunicação com os falantes nativos no trabalho ou na escola.

3.2. Limitações do SDL no desenvolvimento das competência comunicativa e estrutural

3.2.1. Limitações do SDL

3.2.1.1. Falta da automotivação

O impulso ou a vontade das pessoas pode ter um impacto fundamental e direto em qualquer tipo de aprendizagem, incluindo no SDL. A motivação influencia a dedicação e continuidade na aprendizagem de um indivíduo.

Quando os aprendentes têm um nível elevado deste impulso ou vontade, tendem a ser ativos na aquisição de novos conhecimentos e capacidades, não se limitando a absorver informação de forma ociosa. Segundo uma investigação de Heo & Han (2022), um baixo interesse dos aprendentes pode reduzir as capacidades e a qualidade do SDL. Embora o nível dos atributos dos aprendentes afetem a motivação e esta se altere em diferentes situações de aprendizagem, continua a ser importante tanto na aprendizagem presencial como na aprendizagem a distância.

De acordo com o livro *Identity, Motivation and Autonomy in Language Learning*, diversos fatores externos e internos contribuem para diminuir a motivação dos aprendentes. Os fatores relacionados com a experiência de aprender uma nova língua mostram como os alunos podem perder a motivação quando um curso não apresenta desafios suficientes, ou não se sente qualquer progresso, e os não têm as autoverificações positivas que aumentam a motivação inata (Murray *et al.*, 2011). Além disso, quando os indivíduos não definem objetivos de aprendizagem específicos, podem acabar por se sentir perdidos e sem inspiração. Por exemplo, consideremos os aprendentes de línguas e imaginamos que uma pessoa não compreende o verdadeiro significado de aprender uma língua, podem também não ter a vontade de continuar a sua aprendizagem autónoma depois das aulas presenciais. Nesse caso, podem achar que os conteúdos são aborrecidos ou que o seu interesse está a diminuir, reduzindo a sua vontade geral de aprender.

Aliás, os pares têm um papel importante na forma como aprendemos. Se um aprendente tiver consigo colegas alegres e desejosos de aprender, isso pode ajudar a sua própria aprendizagem. Diga-se que existem colegas que têm menos vontade de

aprender, o que pode estragar a sua vontade de aprender e pode torná-lo menos disposto a participar em atividades de estudo; palavras maldosas ou comentários duros dos colegas podem prejudicar a sua vontade de aprender, deixando-o aborrecido e em baixo. Além disso, a competição extrema causa muitas vezes uma rivalidade intensa e pouco saudável, que derruba a motivação e aumenta a ansiedade. Como o conteúdo apresentado por Murniati, *et al.* (2023),

Low learning motivation can also occur from lack of support from significant people such as peers and classmates. Some students expressed that they always needed someone or some people to remind them that they need to excel in their studies. The respondents often cited parents, peers, and seniors playing an important role in supporting their independent learning. (p. 367)

Os fatores mencionados estão diretamente relacionados com a aprendizagem de línguas. Sem motivação, os aprendentes podem ter um mau desempenho no desenvolvimento do seu conhecimento de palavras. As maneiras comuns de aprender, como a leitura será saltada, fazendo com que o seu vocabulário melhore com menos eficácia. Além disso, a falta de motivação pode tornar os aprendentes menos interessados em melhorar a gramática. Não se concentra em compreender as regras gramaticais, o que pode causar uma experiência de aprendizagem superficial. Pois, deixará uma base gramatical fraca. Quando os aprendentes têm um vocabulário limitado e competências gramaticais fracas, terão tendência a não utilizarem o que aprenderam na vida real. Por exemplo, evitar conversas reais, escrever ou utilizar as competências linguísticas de forma prática, prejudicando as suas capacidades de comunicação em situações reais e resultando numa menor concentração e eficiência na aprendizagem. No fim, eles acabam por considerar este tipo de aprendizagem aborrecido, o que atrasa o progresso global da língua.

3.2.1.2. Distração causada pelas redes sociais

O SDL pode ser dificultado por várias distrações que os indivíduos podem encontrar, sendo que se aplica a qualquer tipo de aprendizagem que requisita o nosso foco. No entanto, os ambientes onde tentamos aprender carecem frequentemente de

concentração. Segundo o texto escrito por Koessmeier & Büttner (2021), o cérebro humano só consegue lidar com uma certa quantidade de informação, pelo que as distrações afetam-nos. O mais importante é que, para fazer certas tarefas corretamente, precisamos de menos interrupções das redes sociais. De facto, as distrações vêm de coisas que não têm nada a ver com a tarefa que temos em mãos, atrapalhando o nosso comportamento orientado para os objetivos. Na vida quotidiana, o *multi-tasking*, as notificações e chamadas constantes de telemóvel e outras distrações criam ambientes onde a aprendizagem acontece, mas não estamos altamente concentrados nos nossos objetivos de aprendizagem. Os mesmos autores (2021) mencionam também uma possível razão pela qual os aprendentes utilizam as redes sociais em vez de se concentrarem nas suas tarefas: a falta de autodisciplina.

Dado o site *Physiopedia* (n.d.), a nova tecnologia permite-nos obter informações e em todo o lado e em qualquer altura, é considerado que esta rapidez de informação prejudique a nossa aprendizagem, compreensão e conversa com os outros. As plataformas de redes sociais pretendem prender a atenção dos utilizadores durante longos períodos. O fluxo incessante de novas publicações, alertas e notícias pode tornar-se obsessivo, roubando a atenção de atividades de aprendizagem. Como está indicado na investigação de Murniati, *et al.* (2023),

In this digital age, people can easily find any kind of contents that they are attracted to from the Internet. Movies, short clips, advertisements, web novels, tutorial videos, and many other contents can be accessed anywhere and anytime. Many of these contents are not even related to students' educational purposes and goals. Many students look at these contents just for the sake of the entertainment. (p. 367)

A razão pela redução do stress da aprendizagem pode, na verdade, aumentar o apelo das distrações das redes sociais. Para alguns aprendentes, a utilização das redes sociais pode ser uma via para diminuir brevemente a tensão associada ao estudo. A socialização *online*, a visualização de diferentes conteúdos divertidos ou a participação em comunidades da Internet podem ajudar a aliviar o stress. De acordo com o inquérito realizado por Murniati, *et al.* (2023), em tempos difíceis como a pandemia, foi difícil para os aplicadores do SDL manterem o espírito de aprendizagem vivo, de modo a estarem sempre prontos para enfrentar tarefas e lições. Para se manterem otimistas, os

seus entrevistados afirmaram que precisaram de reservar tempo para as suas próprias atividades fora das aulas, considerando que a participação em atividades não acadêmicas pode funcionar como um equilíbrio entre o trabalho nas aulas e o desejo de se relacionar com outras pessoas para além dos estudos.

Como referido, as plataformas das redes sociais enviam lembretes e notificações que alertam os utilizadores para novas publicações, atividades ou alterações, e significativamente, incluindo também imagens, vídeos e outros recursos de interação. Estas interrupções podem perturbar a concentração durante os períodos de estudo e podem levar as pessoas a assistir às suas atualizações nas redes sociais. Portanto, distrair-se com as redes sociais pode afetar negativamente a capacidade da compreensão oral e comunicação dos indivíduos que aprendem línguas através do SDL. Uma das maiores consequências da utilização ineficaz de recursos *online* será a perda de *input* linguístico. A atração das redes sociais faz muitas vezes com que os estudantes ignorem fontes ricas de aprendizagem de línguas, como vídeos e programas com conversas reais, *podcasts* ou material áudio sobre a língua alvo. A verdade é que a exposição constante e variada à língua é fundamental para aumentar as capacidades de compreensão e expressão oral. Por outro lado, as notificações intermináveis e a atração irresistível das redes sociais podem reduzir a concentração durante as explorações de autoestudo de línguas. O indivíduo pode sentir dificuldade em concentrar-se nas ferramentas ou materiais linguísticas, nos exercícios ou nas práticas, o que leva a uma menor compreensão e uma limitação dos conhecimentos linguístico como vocabulário e estruturas gramaticais, restringindo ao mesmo tempo o crescimento da competência estrutural duma língua.

3.2.1.3. Ineficiência da gestão do tempo

Além da motivação e da concentração, a forma como o aluno gere o seu tempo também tem um grande impacto na sua aprendizagem eficaz da língua no SDL. Se os aprendentes estiverem ocupados com atividades não académicas ou com atividades que não estejam relacionadas com a língua-alvo, terão uma menor proporção de tempo para estudar por conta própria, limitando as hipóteses de avançar para próximas etapas das suas competências linguísticas. Por exemplo para os estudantes universitários, alguns deles participam em atividades dentro ou fora da universidade, como associações

estudantis, equipas desportivas ou até trabalhos a tempo parcial. A adesão a estes grupos ou clubes proporciona experiência de colaboração com outras e uma perspetiva social mais alargada, ou é simplesmente uma oportunidade de viajar pela vida universitária.

Neste assunto, não existe qualquer coerção para aderir a atividades não académicas. Consequentemente, é visível que os estudantes devem equilibrar os estudos e as responsabilidades inerentes à participação em organizações, comissões e eventos estudantis. Na investigação de Murniati, *et al.* (2023) também está apresentado o problema relevante sobre a gestão do tempo, a irregularidade horária constitui um obstáculo importante para os estudantes que têm várias disciplinas para cumprir. Neste cenário, têm de dividir o seu tempo entre os estudos da manhã e as tarefas pessoais da tarde ou da noite, o que leva a uma redução do seu tempo de aprendizagem. Consequentemente, sentem-se facilmente cansados e não conseguem regularmente trabalhar nas suas tarefas académicas.

Ao adotar o SDL para a aprendizagem de uma L2/LE, o envolvimento excessivo em atividades não académicas ou atividades não relacionadas com a língua-alvo pode ter vários efeitos negativos. Como indicado no anterior, a aquisição de uma língua requer uma exposição constante. Demasiado tempo em atividades não relevantes pode reduzir os diferentes tipos de exposição linguística (por exemplo, atividades realizadas pela comunidade da língua-alvo, aulas de apoio após as aulas gerais, entre outros.). Isto pode diminuir o leque de contributos linguísticos que ajudam no crescimento completo da língua-alvo. Ademais, leva à interrupção da imersão linguística que pode atrasar o crescimento das competências linguísticas. Esta imersão num contexto linguístico é crucial e valiosa para a aquisição de uma L2/LE. Sem imersão contínua, pode resultar numa falta de prática na utilização da língua como a prática oral, a escrita e outros usos ativos da língua, todos são fundamentais para desenvolver a proficiência linguística.

3.3. Comparação entre o *self-learning* e os métodos tradicionais de ensino de uma L2

O *self-learning* e o ensino tradicional de L2 têm as suas potencialidades e deficiências. O SL promove a independência e a adaptabilidade, permitindo aos aprendentes

ajustarem a sua aprendizagem ao seu ritmo e ao seu gosto. No entanto, exige um intenso autocontrolo e interesse para continuar sem a supervisão de um professor. Por outro lado, o ensino tradicional de uma L2 fornece, normalmente, um curso definido, orientação qualificada e oportunidades de interação entre pares. Isto pode aumentar o interesse e facilitar a compreensão através de um *feedback* rápido. Porém, os métodos tradicionais podem ser inflexíveis e podem não proporcionar uma adequação aos estilos de aprendizagem individuais. No final, o sucesso de cada método depende de fatores como o carácter de um indivíduo, o seu estilo de aprendizagem e a disponibilidade de recursos. Este subcapítulo, focar-se-á nos dois métodos para clarificar as distinções entre abordagem tradicional e nascente.

3.3.1. O Método Tradicional (Gramática-tradução)

Visto como um dos mais antigos, o método tradicional ou, o método gramática-tradução remonta ao final do século XIX e ao início do século XX, apresentando aos aprendentes as regras gramaticais através da tradução de uma segunda língua para a sua língua materna.

No âmbito deste método, segundo Santos (2020),

o professor era o detentor do saber e seu trabalho foi reduzido ao mínimo possível. Os alunos recebiam e elaboravam vastas listas de vocabulário na LE com o intuito de, ao mesmo tempo, traduzi-lo e memorizá-lo. Os exercícios propostos eram de aplicação de regras gramaticais, ditados, tradução e versão.

Em várias culturas, este método continua a ser o mais comum no ensino de línguas. A essência deste método implica que os alunos passem muito tempo a fazer leitura, a realizar tarefas e a fazer provas. Numa aula que utiliza este método, a gramática ocupa um lugar de destaque. Muitas vezes, envolve explicações pormenorizadas sobre regras gramaticais complicadas; o foco é menos no conteúdo dos textos. Estes textos são utilizados principalmente como exemplos gramaticais para análise. O objetivo principal da aplicação do método tradicional é os aprendentes a desenvolverem a habilidade de leitura na língua-alvo (Silva, 2021).

3.3.2. O Método Direto

Desenvolvido na década de 1890, o Método Direto, também frequentemente designado por Método Natural, foi, em grande parte, uma resposta às deficiências do Método Gramática-tradução na promoção de uma comunicação fluida. Neste método, centra-se na aprendizagem de uma língua através da exposição completa e da interação direta. O aprendente aprende a L2/LE através da discussão, conversação e leitura na segunda língua, não se apoiando na tradução e em regras gramaticais, sendo que Santos (2020) indica que neste método,

a tradução era evitada ao máximo e o aluno estava em contato direto com a LE. A leitura era utilizada para a realização de exercícios orais e a escrita era trabalhada com questionários, que eram respondidos pelos alunos. Desta forma, acreditava-se que as quatro habilidades (ouvir, falar, ler e escrever) estavam sendo trabalhadas. (p.252)

O objetivo é imitar cenários linguísticos reais, persuadindo os aprendentes a raciocinar, conversar e reagir diretamente na língua pretendida. De acordo com Celce-Murcia (1991), os requisitos do método direto incluem,

- a língua-alvo não será ensinada pela LM dos aprendentes;
- gestões e imagens são usadas para explicações claras;
- os textos são apenas para leitura divertida, não são para análises gramaticais;
- a cultura da L2/LE também é ensinada de forma indutiva;
- os professores ou instrutores devem ser os falantes nativos.

3.3.3. O Método Áudio-oral

Assim como no método direto, a abordagem áudio-oral visa objetivos distintos da estratégia do método tradicional. Ao utilizar este método, o enquadramento do ensino da língua pretendida é meticulosamente organizado e as conversas serão repetidas para ajudar a formar práticas de fala corretas. As práticas envolvem a memorização de cenários como saudações e coloquialismos. Além disso, as regras das expressões serão

introduzidas, mas sem explicações profundas aos aprendentes (Sakri, n.d.). Conforme o texto apresentado por Santos (2020), o método

pretendia fazer com que estes novos hábitos fossem adquiridos pelos aprendizes através de um processo de estímulo-resposta, desenvolvendo as habilidades de falar e ouvir, o que se acreditava ser possível simplesmente por meio da apresentação de estruturas da língua, que deveriam ser repetidas até que seu uso passasse a ser automático e o aluno se tornasse um falante da língua objeto. (p. 254)

A forma de aprender uma língua, neste caso, era semelhante ao método direto. Sugeria que se ensinasse a língua diretamente aos alunos, sem utilizar a sua primeira língua para explicar novas palavras ou a gramática da segunda língua. No entanto, ao contrário do método direto, o método audiolingual diferia no facto de não colocar a prioridade no ensino do vocabulário. Em vez disso, o professor concentrava-se principalmente no uso da gramática dos aprendentes. Segundo Celce-Murcia (1991), o Audiolingual deve,

- com base no pressuposto de que a linguagem é uma formação de hábitos, a mímica e a memorização são utilizadas;
- as estruturas gramaticais são sequenciadas e as regras são ensinadas de forma indutiva;
- evitar o maior possível os erros dos aprendentes;
- o professor deve dominar especificamente a gramática e o vocabulário.

3.3.4. Comparação entre o SDL e os métodos tradicionais

Anteriormente, foram analisadas as abordagens do SDL e do ensino tradicional de L2/LE. Fundamentalmente, as duas representam tipos divergentes de metodologia, com os métodos tradicionais a incorporarem uma orientação pedagógica, enquanto o SDL incorpora um processo de aprendizagem mais individualizado. O SDL centra-se nas iniciativas independentes do aprendente, sendo comum os estudantes encontrarem os seus próprios recursos de aprendizagem, planearem a sua estrutura de estudo,

aplicarem os seus conhecimentos e avaliarem-se por si próprios. Esta estratégia enfatiza os seus interesses, necessidades e estilos de aprendizagem, permitindo-lhes estudar ao seu próprio ritmo, o que amplia a sua motivação intrínseca para aprender e a eficiência da experiência de aprendizagem.

Em contrapartida, os métodos tradicionais de ensino das línguas colocam frequentemente o tutor no centro das atenções, baseando-se em manuais pedagógicos e no plano de estudo definido. Geralmente, os aprendentes seguem currículo regularizado e os são influenciados por avaliações normalizadas. Estes métodos tradicionais destacam as regras gramaticais da língua, a aprendizagem de palavras e, nem sempre, atendendo às necessidades únicas de cada aluno.

Em suma, o SDL tem por objetivo melhorar o pensamento individual e as capacidades de aprendizagem dos aprendentes. Por outro lado, os métodos tradicionais de ensino das línguas seguem uma estrutura de ensino e um sistema de avaliação definidos, e estas abordagens não entram muito em conflito. De facto, os indivíduos podem combinar os pontos fortes das duas metodologias para melhorar as suas competências linguísticas (Figura 2). Por exemplo, aplicar as técnicas de SDL pode aperfeiçoar os seus conhecimentos linguísticos em áreas que as salas de aula tradicionais estão menos concentradas.

Figura 2 - Comparação entre o SDL e os métodos tradicionais de ensino de línguas

	SDL	Métodos Tradicionais
Autonomia e controlo	Pode-se escolher assuntos interessantes, escolher recursos que se adequem à sua forma de compreensão e aprender a uma velocidade confortável para o próprio aprendente, desenvolvendo a sua autonomia para a aprendizagem.	Normalmente, os educadores ou formadores organizam as aulas, selecionam os recursos e definem o ritmo. Entretanto, os aprendentes têm pouca influência sobre o seu percurso de aprendizagem.
Flexibilidade	É possível aprender ao seu próprio ritmo, permitindo que se encaixem os horários de aprendizagem de línguas em	Podem ser restritivos, com horários e locais definidos. Este horário fixo pode criar conflitos para pessoas com

	seus horários lotados. É especialmente benéfico para pessoas com empregos ou planos inconsistentes depois da escola.	outras obrigações. É mais adequado para os estudantes em tempo integral
Motivação	A motivação intrínseca é fundamental, ajudando os alunos a definir os seus objetivos, a acompanhar o seu progresso e a enfrentar os contratempos por si próprios.	Os incentivos externos como notas, assistência dos instrutores e competitividade entre colegas e pares podem ser essenciais para manter o envolvimento dos indivíduos para a própria aprendizagem.
Interação	As oportunidades de falar com colegas de turma ou com falantes nativos são limitadas, o que afeta a capacidade de falar. As plataformas <i>online</i> de línguas através da Internet pode ajudar a ultrapassar este inconveniente.	As atividades em sala de aula, as tarefas em grupo e as discussões entre alunos e professores oferecem mais oportunidades para o uso da língua e a socialização.
Recursos	A utilização de recursos <i>online</i> , aplicações de aprendizagem linguístico, <i>podcasts</i> e textos e artigos atuais oferece aos alunos ajustar a aprendizagem conforme as suas próprias preferências.	Normalmente usam livros e materiais de curso fornecidos pelos professores, o que pode potencialmente não expor os aprendentes ao uso diário da linguagem.
Respostas aos aprendentes	As respostas rápidas e imediatas podem estar sempre disponíveis. Os aprendentes podem ter dificuldade em identificar e corrigir erros enquanto se faltam ajudas externas. Parceiros linguísticos ou comunidades linguísticas na Internet podem melhorar este problema.	Os professores ou formadores oferecem respostas imediatas, corrigindo os erros e orientando os aprendentes segundo as suas dificuldades.
Programa Estruturado	A ausência de um plano definido pode levar a lacunas no	Um currículo estruturado pode assegurar uma cobertura

	conhecimento e nas competências linguísticas. Os aprendentes podem ignorar componentes essenciais da aprendizagem de línguas sem um determinado sentido.	abrangente das componentes linguísticas, proporcionando uma base mais completa aos aprendentes.
Aspeto Social	A interação social limitada pode restringir o desenvolvimento das capacidades de comunicação e da consciência cultural. Encontram-se parceiros de intercâmbio linguístico ou participa-se em comunidades linguísticas <i>online</i> ajuda a reduzir os limites.	As aulas presenciais podem ajudar a criar interação com os colegas e os professores, permitindo-os praticar as suas competências linguísticas em situações reais e interagir com diversas colegas.

4. A utilização das tecnologias móveis na aprendizagem de uma L2

Com o avanço da tecnologia, é previsível que a tecnologia móvel se torne mais inteligente e mais conveniente, ocasionando oportunidades de aprendizagem adaptadas às diferentes necessidades e preferências dos indivíduos na aprendizagem das línguas. Ao aplicar o SDL, quer seja depois das aulas tradicionais ou como forma principal de aprendizagem, de acordo com a tendência atual, a tecnologia móvel será uma parte imprescindível, enquanto os *smartphones*, *tablets* e *laptops*, juntamente com os livros, representam a maior parte da aprendizagem autónoma de línguas. A utilização desses dispositivos proporcionam a flexibilidade que desempenha o papel do SDL. Através de aplicações, sites ou outras plataformas móveis, os indivíduos podem aceder a recursos linguísticos em qualquer altura para desenvolver competências com base em vários conhecimentos. Quer complementem a educação formal ou sirvam como meio principal, a tecnologia móvel apoia efetivamente a aquisição independente de línguas fora da sala de aula.

4.1. A evolução histórica do recurso às tecnologias no ensino-aprendizagem de línguas

Antes de nos debruçarmos sobre as utilizações práticas da tecnologia no ambiente de aprendizagem de línguas, é importante compreender como e quando se infiltrou pela primeira vez nos nossos sistemas educativos e nas nossas vidas pessoais. Tem sido, de facto, uma viagem de várias décadas, possivelmente mais longa do que a maioria das pessoas imagina. *Computer Assisted Language Learning* (CALL) surgiu na década de 1960 e sofreu uma enorme transformação desde esses primeiros tempos.

Geralmente, o CALL pode referir-se a qualquer aprendizagem ou ensino de línguas ou ensino de línguas que envolva o computador de uma forma significativa. Segundo Espinosa (2008), o CALL ocorre quando

- um ou mais aprendentes utilizam um computador com *software* interativo;
- os aprendentes utilizam um computador e interagem com outros aprendentes;

- os aprendentes utilizam computadores para trabalhar com conteúdos linguísticos baseados na internet;
- os aprendentes interagem com os instrutores, usando computador (aprendizagem a distância);
- o instrutor utiliza um computador e um grande monitor ou projetor para dar aulas.

O CALL, quando os computadores *mainframe* e a programação começaram a surgir em várias universidades de todo o mundo, começou também a desenvolver-se uma nova abordagem ao ensino. Esta abordagem envolvia a criação de material didático utilizando linguagens de programação e armazenando-o centralmente nos computadores. Os aprendentes podiam então aceder a este conteúdo de ensino armazenado através de terminais ligados, a fim de aprenderem com os programas e recursos centralizados (Butler-Pascoe, 2011). Conforme Seljan, *et al.* (2004), o desenvolvimento do CALL pode ser dividido em três fases: *Behaviorist CALL*, *Communicative CALL* e *Integrative CALL*:

1. Behaviorist CALL (anos 1960-70): No início, o CALL baseava-se em ideias behavioristas. A repetição era vista como o núcleo para a aprendizagem e a ênfase era colocada nos exercícios e na prática. Neste sentido, o computador era ferramenta útil para o efeito e ajudava os aprendentes a repetir as suas tarefas. Além disso, o computador permitia que escolhessem os seus próprios materiais de estudo, significa que isto ajudava os alunos a sentirem-se mais independentes e fomentava a autonomia. Por outro lado, o computador era visto como um tutor, ou seja, era um veículo para os aprendentes adquirirem novas informações. Um sistema bem conhecido neste domínio era o *PLATO*, um dos primeiros sistemas linguísticos de sucesso criado em 1960 por Donald L. Bitzer (Jones, 2015), proporcionava exercícios de palavras, traduções e lições de gramática.

2. Communicative CALL (anos 1970-80): Durante esta época, os computadores pessoais e microcomputadores entraram em cena, mudando significativamente o mundo da tecnologia. Durante este período, muitos programas de computador e trabalhos escritos surgiram e o papel do computador no ensino das línguas também se alterou. Isto deveu-se, em parte, às teorias comunicativas de ensino das línguas, que centrava a ênfase na comunicação e promovia o ensino da gramática de forma implícita. O computador continuava a ser utilizado como tutor, mas os

aprendentes tinham mais controlo. Era também utilizado para suscitar discussões e estimular o pensamento crítico e como ferramentas de aprendizagem (por exemplo, processamento de texto e verificação gramatical). Para estes fins, foi utilizado um grande número de *softwares*, mesmo alguns não concebidos originalmente para o ensino de línguas.

3. Integrative CALL (anos 80 - presentes): Com o declínio do modelo comunicativo, surgiu um novo método baseado em tarefas e projetos. Além disso, surgiram duas tecnologias inovadoras: o multimédia e a internet. O multimédia facilitou a interação dos aprendentes com diversas formas de *media*, como textos, imagens, sons, animações e vídeos. Esta interação criou um ambiente de aprendizagem vibrante e realista, recebendo diferentes tipos de *input* e combinando diferentes competências apenas numa atividade, por exemplo, competências visuais e auditivas. No entanto, os primeiros programas multimédia eram controversos devido aos seus custos elevados e ao facto de não se destinarem ao ensino ou possuírem uma qualidade inferior. No entanto, este obstáculo tem sido ultrapassado nos últimos anos com o aparecimento de numerosos programas de elevada qualidade e a preços acessíveis.

4.2. E-learning, b-learning e m-learning

4.2.1. Relações entre e-learning, b-learning e m-learning

No que respeita à Internet, esta transformou profundamente a forma como os computadores podem ser utilizados para o ensino-aprendizagem de línguas. O CALL reformulou radicalmente o ensino de línguas, tirando partido dos avanços tecnológicos para criar experiências de aprendizagem dinâmicas, participativas e personalizadas, adaptadas às diversas necessidades e preferências dos aprendentes de línguas. Graças a esta nova tecnologia, estes podem atualmente aceder a uma diversidade de recursos linguísticos ou mesmo ligar-se a falantes locais sem esforço e a qualquer momento, a partir de qualquer computador acessível. Consequentemente, os aprendentes podem ter mais hipóteses de estruturar a sua aprendizagem de forma independente e ter acesso a materiais individualizados. Neste contexto, os avanços tecnológicos levaram vários tipos de aprendizagem relacionados com as novas tecnologias, nomeadamente o *e-learning*, *b-learning* e *m-learning*.

O *e-learning*, frequentemente designado por aprendizagem eletrónica, consiste em adquirir conhecimentos através de recursos eletrónicos. Essencialmente, o *e-learning* ocorre através da Internet. Isto permite que os alunos recolham os seus materiais de estudo *online* em qualquer altura e a partir de qualquer local, desde que tenham acesso a um dispositivo e a uma ligação de dados. Exige que os estudantes utilizem aparelhos eletrónicos como os seus computadores pessoais ou *laptops*, embora às vezes também utilizem aparelhos fornecidos pelas instituições. Para definir *e-learning*, segundo Keegan, D. *et al.* (2002), envolve-se uma aprendizagem interativa em que o conteúdo educativo é acessível eletronicamente e em que é fornecido um *feedback* automático sobre as atividades de aprendizagem dos alunos. A comunicação *online* em tempo real pode ou não estar incluída, mas a aprendizagem eletrónica centra-se mais na substância educativa do que na interação entre aprendentes e instrutores.

Além disso, de acordo com Silva & Souza (2016), o *e-learning* engloba vários métodos e sistemas, como a aprendizagem baseada na Web, a aprendizagem através de computadores, as salas de aula virtuais e a colaboração digital, sendo que implica a partilha de conteúdos via internet, *Intranet/Extranet* (LAN/WAN), audiolivros e vídeos, transmissões por satélite, televisão interativa e *CD-ROM*. Neste sentido, a aprendizagem eletrónica tem várias definições, uma vez que existem diferentes formas da aprendizagem eletrónica. Uma descrição geral é a aprendizagem feita através de tecnologias Web ou de *software* pré-instalado num computador que pode apresentar multimédia, quer de forma assíncrona (o indivíduo e a fonte estão separados pelo tempo, como a formação ao ritmo próprio), quer de forma síncrona (o indivíduo e a fonte estão ligados em tempo real numa sala de "aula virtual") (Hrastinski. 2008).

Tanto nas salas de aula tradicionais como nas digitais, os aprendentes têm, ocasionalmente, momentos em que falharão (ou serão bem sucedidos). No entanto, a aprendizagem não é o panorama geral da educação, e é influenciada por vários elementos internos e externos. Assim, o *e-learning* também deve oferecer a vasta gama de serviços que o ensino normal oferece. Muitas vezes, os criadores de programas *e-learning* tendem a destacar o conteúdo de aprendizagem, enquanto as instituições de aprendizagem *online* olham para a educação de uma perspetiva mais completa. Neste caso, a utilização do *b-learning* foi objeto de especial atenção.

A modalidade *b-learning*, ou *blended learning*, é uma abordagem mista da educação que combina aspetos da aprendizagem tradicional em sala de aula e da educação a distância. Existem várias formas de aprendizagem mista, mas todas elas

integram interações presenciais e recursos *online*. Significa que este método integrado utiliza computador e a internet juntamente com alguns elementos da sala de aula convencional. Desta forma, pode resolver-se certas limitações do modelo *e-learning*. Por exemplo, oferece oportunidades de interação pessoal entre aprendentes e instrutores. Para Silva & Souza (2016), o *b-learning* é derivado do *e-learning*, em que parte do material de estudo é acedido remotamente através da Internet, mas que também combina sessões presenciais, portanto o seu nome é designado "*blended*", que significa mista e combinada. Portanto, os dois *tipos* de *learning* partilham características semelhantes. Como indica Lencastre & Chaves (2005), o *b-learning*

é através da Internet, logo on-line, numa plataforma ou numa página pessoal, que o professor apresenta aos alunos os conteúdos a abordar, independentemente do lugar onde estejam. Os alunos têm informação disponível desde que seja possível aceder à Internet, respeitando a sua capacidade de autoformação. (p.2)

Além disso, como a dependência dos estudantes em relação às tecnologias móveis tem aumentado nos últimos anos e os dispositivos móveis têm crescido em prevalência para aplicações educativas, é essencial reconhecer que os dispositivos móveis não precisam de ser confinados apenas à utilização individual. Uma nova abordagem pedagógica designada por *m-learning* ou *mobile-learning* desenvolveu-se a par da infiltração das tecnologias móveis no setor educativo, normalmente praticada fora das salas de aula convencionais. Winters (2005) refere que é difícil definir a aprendizagem móvel. Sendo a aprendizagem móvel uma nova área de estudo, ainda em fase de desenvolvimento, é difícil conseguir que todos concordem com uma definição (Batista, S.C.F. *et al.*, 2010).

Em geral, o *m-learning* é uma modalidade de aprendizagem *online* da qual os indivíduos podem beneficiar em qualquer lugar e a qualquer momento, utilizando os seus dispositivos móveis. Não requer componentes adicionais ou alterações a um *smartphone* ou *tablet* normal. Os alunos podem inscrever-se em programas de cursos, estudar lições atribuídas, assistir a palestras em vídeo, assistir a aulas ao vivo ou aceder a qualquer informação de aprendizagem a partir dos seus dispositivos com condições de localização e de horário. É semelhante ao *e-learning*, mas a principal diferença é a utilização de um dispositivo móvel para aceder aos conteúdos.

4.2.2. Aplicação do SDL no âmbito do *e-learning* e *m-learning*

Conforme mencionado no capítulo 4.2.1., observa-se que as três abordagens utilizam a tecnologia para divulgar conteúdos educativos, permitem também flexibilidade relativamente a quando e onde a aprendizagem pode ser efetuada. Os indivíduos podem aceder aos materiais do estudo e participar em atividades ao seu próprio ritmo e conveniência, e têm a possibilidade de avançar na matéria ao seu próprio ritmo, permitindo experiências de aprendizagem personalizadas, adaptadas às necessidades e preferências individuais. Embora as três variedades partilhem muitas semelhanças, a principal diferença é que o *b-learning* combina o ensino presencial tradicional com componentes de aprendizagem *online*. Os aprendentes participam numa mistura de sessões presenciais e atividades *online*, oferecendo oportunidades de interação presencial durante as sessões presenciais e interação *online* através de fóruns de discussão e outras plataformas digitais.

Focando-se na abordagem principal deste trabalho, o SDL exige que os aprendentes orientem o seu estudo, eles definem as suas estratégias, objetivos e metas. Aliás, o sentido está intimamente ligado com o *e-learning* e *m-learning*. Corresponde à tendência atual, ao efetuar uma aprendizagem autónoma, as tecnologias estão absolutamente a liderar o processo da nossa aprendizagem. Neste contexto, será imprescindível adotar seja *e-learning* ou *m-learning*. Candy (2004) considera que o SDL pode oferecer um caminho mais claro para a compreensão da dinâmica e das ligações genuínas entre a aquisição de conhecimentos e as tecnologias. O *e-learning* é uma forma da aprendizagem mais prevalentes na era digital e os ambientes de aprendizagem eletrónica podem oferecer aos aprendentes possibilidades de estudo autónomo. De acordo com o trabalho de Moradí (2018), o SDL desempenha um papel importante nas experiências académicas atuais, os indivíduos podem estudar de forma independente, utilizando os seus próprios conhecimentos e recursos alternativos acessíveis. Os estudos demonstraram que, no que diz respeito à instrução, o *e-learning* é bem-sucedido em aumentar a imaginação e criatividade dos aprendentes e pode fornecer-lhes flexibilidade temporal (Mujiono, 2019). Ainda Liaw & Huang (2003) citados por Eroğlu & Özbek (2018), sublinham que ao estudar em ambientes de *e-learning*, espera-se que os estudantes possuam capacidades de aprendizagem autónoma e que tenham controlo sobre o seu estudo.

Segundo Smedley (2007), comparável ao SDL, o *m-learning* é uma metodologia de aprendizagem que depende em grande medida do facto de os indivíduos assumirem a responsabilidade e possuírem a capacidade de serem autónomos na sua própria aprendizagem. Na investigação de Liu & Li (2009), eles resumem o *m-learning* no âmbito do SDL sublinhando que, para que o *m-learning* seja eficaz, os aprendentes necessitam de determinadas competências do SDL. No entanto, nem todos os indivíduos possuem competências adequadas em matéria de aprendizagem autónoma. Por conseguinte, a tecnologia e os serviços de apoio devem ajudar os aprendentes a organizar o seu processo de aprendizagem e a avaliar os resultados. Basicamente, como mencionado, em termos dos dispositivos usados para o acesso *online* no processo da aprendizagem, o *e-learning* e *m-learning* partilham o mesmo conceito no funcionamento. De um modo geral, é possível considerar que o SDL e o *m-learning* partilham princípios comuns incluindo autonomia, flexibilidade e personalização dos aprendentes. Os elementos são complementares e permitem que os indivíduos assumam o controlo do seu percurso de aprendizagem. Ademais, podem aceder a oportunidades educativas a qualquer momento, em qualquer lugar e em qualquer dispositivo.

4.3. Especificidades do uso das tecnologias móveis na aprendizagem de uma L2

As tecnologias móveis estão a ganhar popularidade rapidamente, aumentando as suas capacidades e permitindo uma utilização mais avançada. Este facto contribui para a evolução das práticas culturais e permite novos ambientes de aprendizagem (Pachler *et al.*, 2010). À medida que a tecnologia melhora e avança, o mesmo acontece com os métodos de aprendizagem de línguas. Uma abordagem atualmente em voga é *Mobile-Assisted Language Learning*, também conhecida por MALL. A abordagem é considerada o subtipo do *m-learning* e a abordagem CALL, já referida no ponto anterior, (Caudill, 2008). No domínio do MALL, envolve a utilização de *smartphones* e outros dispositivos móveis para aprender uma segunda língua ou uma língua estrangeira. Muitos investigadores ficaram bastante intrigados com esta nova metodologia e procuraram fornecer provas sólidas para apoiar uma maior exploração. Atualmente, o *m-learning* é convenientemente facilitado pelo fornecimento de vários materiais e conteúdos de aprendizagem aos aprendentes através de dispositivos móveis

(Miangah & Nezarat, 2012). Além disso, o estudo de Kukulska-Hulme & Shield (2007) observa que existem três tipos de dispositivos móveis - telemóveis, *tablets* e leitores de MP3. Verificou-se que o MALL difere do CALL em termos de utilização pessoal, os dispositivos portáteis permitem novas formas de aprendizagem, fácil acesso e interação em diversos contextos. O MALL foca-se mais na aprendizagem centrada no aluno do que no processo de aprendizagem tradicional.

Conforme esta abordagem, o site *Edusoft* (n.d.) manifesta vários elementos benéficos para os aprendentes de línguas por diferentes aspetos. Em primeiro lugar, o aprendente de línguas comum possui um telemóvel, a maioria dos utilizadores leva o telemóvel consigo para onde quer que se desloque. Isto permite-lhes estudar em qualquer altura e em qualquer lugar, e que se e as aplicações e atividades de aprendizagem de línguas forem agradáveis, os alunos sentir-se-ão inspirados a continuar a estudar fora das aulas. Existem inúmeras aplicações para *smartphones* que podem ser utilizadas para a aprendizagem de línguas. Os alunos podem utilizar aplicações de redes sociais para ver conteúdos autênticos em cenários do mundo real e praticar a comunicação social na língua-alvo. Os alunos também podem utilizar uma aplicação de mensagens instantâneas para enviar mensagens a outras pessoas ou mesmo aos seus professores na língua-alvo, os professores podem apontar prontamente os erros cometidos pelos alunos.

Na aquisição de uma língua não nativa, a incorporação do método *m-learning* ou CALL no processo do SDL é importante para os aprendentes fora das aulas tradicionais. Afinal, os aprendentes de L2/LE têm de aperfeiçoar o seu vocabulário, capacidade de leitura e compreensão do oral, gramática e até pronúncia, entre outros. É evidente que uma abordagem que utilize dispositivos móveis pode ajudar os falantes não nativos a absorver novas informações em diferentes contextos ao longo do tempo. Neste sentido, integrando com as perspetivas de Miangah & Nezarat (2012), resumem-se os vários elementos da aquisição de L2/LE por via da aplicação da aprendizagem móvel no seguinte:

- **Vocabulário e compreensão da leitura**

O envio de mensagens de correio eletrónico ou de texto, de forma formal ou informal, dá-nos frequentemente a conhecer novas palavras. Quando receber um e-mail ou uma mensagem de texto com vocabulário novo, é ideal utilizar essas novas palavras. Ao utilizar novas palavras nas suas mensagens, os indivíduos podem compreendê-las

melhor e integrá-las nas suas conversas. Escusado será dizer que a utilização das palavras em situações quotidianas ajuda-nos a compreender o seu funcionamento em contexto. Além disso, a repetição ajuda os aprendentes a recordar melhor do que a aprendizagem mecânica. Para além disso, os *smartphones* oferecem um amplo acesso a recursos de leitura na língua que estamos a aprender, como livros digitais, artigos e plataformas jornalísticas. Depois de terminar a leitura, pode-se aumentar a sua proficiência na leitura e o seu vocabulário.

- **Compreensão do oral**

Compreender as palavras faladas é normalmente uma parte dura na aprendizagem de L2/LE. Graças à última geração de telemóveis, podemos agora criar um sistema móvel que melhora as competências auditivas através de vários exercícios disponíveis nos sites da multimédia e podem ser feitos com repetições em qualquer lugar e em qualquer altura. Os aprendentes podem ouvir qualquer texto utilizando uma função de voz nos seus telemóveis. Por exemplo, ferramentas como aplicações de tradução automática e serviços de voz como o *Siri*⁴ podem melhorar a compreensão de uma L2/LE. Se um texto for difícil de compreender, os aprendentes podem utilizar a função de voz do telemóvel para fazer uma transcrição das palavras faladas. Isto ajuda a compreender melhor o conteúdo da língua-alvo na segunda ou múltipla audição e, ao mesmo tempo, o conteúdo traduzido na sua língua materna pode clarificar o significado em geral do texto.

- **Gramática**

As aplicações móveis de aprendizagem de línguas integram ocasionalmente lições e exercícios de regras gramaticais nas suas capacidades. Estes programas permitem aos utilizadores exercitar a gramática enquanto estão em movimento e obter respostas diretas sobre a sua execução. Os pontos gramaticais podem ser descobertos através de um sistema concebido exclusivamente para ser instalado em dispositivos portáteis, no qual as diretrizes gramaticais são ensinadas, seguidas de atividades de escolha múltipla em que os alunos selecionam a resposta adequada entre as alternativas fornecidas. Os exercícios de gramática podem assumir a estrutura de "verdadeiro ou

⁴ Siri é o assistente digital que consiste no reconhecimento de voz e a inteligência artificial para ajudar os utilizadores do sistema iOS, macOS, tvOS e watchOS desenvolvidos pela Apple.

falso" ou "preencher os espaços", que devem ser respondidos pelos utilizador. Da mesma forma, em português, existem regras de conjugação verbal dentro da estrutura gramatical da língua portuguesa. Para quem está a aprender português, consultar regularmente as conjugações verbais é consequencial durante o processo dos estudos gramaticais. Nesta situação, têm a opção de carregar uma aplicação sobre conjugação de verbos para simplificar a consulta dos verbos complexos, como os verbos irregulares. Em alternativa, podem mesmo utilizar o *browser* do seu telemóvel para encontrar diretamente as conjugações em sites sobre conjugação portuguesa.

- **Pronúncia**

Os dispositivos móveis avançados oferecem atualmente funcionalidades multimédia, como audição e fala. Uma aplicação de aprendizagem móvel eficaz deve ter recursos de fala para transmissão de voz. Utilizando estas ferramentas, os indivíduos podem obter dicionários com demonstração de pronúncia e permite-lhes aprender a dizer corretamente palavras novas ou desconhecidas para se adequarem aos seus objetivos de aprendizagem. Assim, pode-se melhorar as competências de fala e pronúncia dos aprendentes. Além disso, os alunos podem utilizar ferramentas de inteligência artificial como o *Text to Speech* (TTS), uma tecnologia desenvolvida pela Google⁵ que faz a conversão das palavras escritas em voz, tem como objetivo produzir resultados que soem naturalmente para diferentes utilizações e serviços. O uso do TTS é mais um método que ajuda os falantes não nativos a ouvir a pronúncia correta de palavras, frases e textos na sua língua-alvo, ajudando-os a falar a sua L2/LE de forma mais natural.

Sumariamente, no tempo atual os aprendentes beneficiam das novas tecnologias no processo da aprendizagem de L2/LE. Estas oferecem maior conveniência e mobilidade, mudando profundamente a aprendizagem das pessoas pensavam. Porém, os dispositivos móveis servem de facto como auxiliares, ou seja, as ferramentas no percurso da aprendizagem de um aprendente. Quando se aprende uma nova língua, as práticas linguísticas são essenciais para todos os aprendentes, uma vez que a utilização da língua-alvo será o maior fator na aquisição de L2/LE. Aliás, existe

⁵ Google é um motor de pesquisa da Internet. Utiliza um algoritmo próprio concebido para recuperar e ordenar os resultados de pesquisa de modo a fornecer as fontes de dados mais relevantes e fiáveis possíveis. Fonte: <https://www.techopedia.com/definition/5359/google>

também uma série de limitações na aplicação do *m-learning* na aprendizagem autónoma de L2/LE. Em primeiro lugar, os dispositivos móveis têm ecrãs relativamente pequenos quando comparados como os ecrãs dos computadores, o que dificulta a visualização de materiais complexos de aprendizagem de línguas, incluindo textos longos, explicações gramaticais ou exercícios em livros eletrónicos; a aprendizagem móvel depende altamente da ligação à internet para aceder a diversos materiais, logo uma ligação pouco estável pode interromper o processo de aprendizagem, dificultando a obtenção de recursos de aprendizagem quando necessário. Adicionalmente, como o SDL e *m-learning* estão intimamente ligados, ao aplicar o *m-learning* no processo do SDL os indivíduos irão enfrentar dificuldades semelhantes. No capítulo 3.2, conclui-se que a falta de automotivação e a distração são fatores negativos para uma aprendizagem eficiente. Neste caso, os dispositivos móveis podem causar distrações e dificultar a concentração nas tarefas de aprendizagem autónoma de L2/LE. Isto é particularmente verdade se os aprendentes não gerirem eficazmente o seu tempo e atenção, sendo que os dispositivos móveis têm outras funções para além da aprendizagem, como o uso das redes sociais, o entretenimento entre outros.

5. Análise da aplicação para telemóveis “Diz lá!”

No panorama atual da aprendizagem autónoma, a integração da tecnologia desempenha um papel crucial na facilitação do processo de aquisição de conhecimentos. A tendência crescente de aplicações móveis dedicadas à aprendizagem de línguas veio revolucionar a forma como os indivíduos abordam o desenvolvimento linguístico de forma autónoma. É neste contexto que a App móvel "Diz lá!" surge como uma ferramenta inovadora destinada a ajudar os aprendentes chineses a dominar a língua portuguesa, sobretudo em contextos multiculturais como Macau. A presente seção analisa esta aplicação, fornecendo uma avaliação abrangente e informada da App "Diz lá!", contribuindo assim para uma maior compreensão da função das tecnologias educativas no contexto do ensino do português como língua estrangeira em Macau. Para o efeito da análise, discutem-se os resultados obtidos no inquérito por questionário aplicado junto de utilizadores desta App em Macau

5.1. O ensino-aprendizagem do português em Macau: breves considerações

Os portugueses estabeleceram-se em Macau em meados do século XV. O governo português governou a colónia até devolver o seu controlo à China em 1999. Ao longo dos últimos quatro séculos, a língua portuguesa teve um impacto significativo no governo, na economia e no sistema educativo de Macau. Mesmo após a transferência da soberania de Macau para a China, o português continua a ser uma língua oficial da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), a par da língua chinesa. No período pós-transferência, não surgiram projetos imediatos destinados a promover a interação e a solidariedade entre as diversas comunidades coexistentes em Macau. No entanto, na 4ª Conferência Ministerial de 2013 do Fórum China-PLP⁶, o governo da China propôs a criação de uma plataforma de intercâmbio de informações. Outrora uma pequena cidade desconhecida, Macau desempenha atualmente um papel fulcral nas relações sino-portuguesas. No Plano Quinquenal de Desenvolvimento da RAEM (2016-2020), determina-se que o ensino do português passa a ser uma prioridade do plano de desenvolvimento das escolas a partir do ano letivo 2016-17 (Escaleira, 2017).

⁶ Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa

5.1.1. Plano de difusão da língua portuguesa

Embora o português, uma das línguas oficiais de Macau, devesse ser frequentemente utilizado e apreciado, a sua popularidade em Macau é bastante baixa. A taxa de utilização é mesmo inferior à do inglês (sendo que a utilização do inglês é inferior menos à do cantonês e do mandarim). Como Macau estabelece a ponte entre a China e os países lusófonos, há uma grande necessidade de pessoas que falem as duas línguas, ou seja, de "talentos bilingues"⁷. No entanto, o número de falantes de português em Macau é limitado e insuficiente. Consequentemente, o ensino superior centra-se na formação de profissionais em língua portuguesa, e nos últimos anos, o governo também tem trabalhado no sentido de incentivar a aprendizagem do português no ensino não superior para colmatar este défice linguístico.

A língua portuguesa tem vindo a ser cada vez mais reconhecida como uma língua de referência, o que tem levado a uma maior procura de cursos em Macau para o seu ensino. Macau, uma ligação entre a China e os países da língua portuguesa (PLP), assumiu a difusão e o ensino da língua portuguesa, formando os profissionais bilingues para responder às suas próprias necessidades, bem como às da Interior da China e dos PLP. No que respeita ao ensino superior, o crescimento significativo das inscrições em cursos de português na Universidade de Macau (UMAC) e no Instituto Politécnico de Macau (IPM) (mais tarde Universidade Politécnica de Macau) resultou, em grande medida, da opção estratégica do governo da China de permitir que estas duas instituições académicas recebessem estudantes do Interior da China (Escaleira, 2017).

Além disso, diversos eventos de grande dimensão são realizados pelo governo dedicados ao encontro cultural entre a China e os Países de Língua Portuguesa, a fim de atrair mais residentes e turistas, de forma a experienciar o intercâmbio cultural sino-português. A seguir, apresentam-se alguns exemplos da implementação da difusão da língua portuguesa (Dias, 2019):

- O “Projecto de Continuação de Estudos em Portugal para Alunos que Completam o Ensino Secundário”. Este foi lançado em 2004, com vista a formar profissionais bilingues em chinês-português na área jurídica, e envolve a atribuição de bolsas de estudo.

⁷ “Talento bilingue” é um termo utilizado a nível oficial, pelos Governos da China e da RAEM, para designar profissionais com um elevado domínio das línguas oficiais, ou seja, chinês e português.

- A Escola Portuguesa de Macau (EPM), que, em colaboração com a Direcção dos Serviços de Educação e de Desenvolvimento da Juventude (DSEDJ), oferece, desde 2007, um curso de PLE com a duração de três anos, destinado aos alunos que frequentem qualquer instituição de ensino, pública ou privada.
- O “Plano de Financiamento da Promoção da Língua”, que apoia as escolas particulares, disponibilizando professores de língua portuguesa e prestando apoio financeiro destinado à oferta curricular da disciplina de português.
- O Centro de Difusão de Línguas da DSEDJ, que oferece cursos de PLE para os residentes de Macau, em horário noturno, organizados em quatro níveis.

5.1.2. O Programa de Iniciação de Aprendizagem da Língua Portuguesa

Com o aprofundamento do intercâmbio sino-português, há mais oportunidades de emprego e espaço de desenvolvimento para os profissionais bilingues em chinês e português. Nos últimos anos, Macau tem vindo a melhorar de forma ativa e contínua o sistema de formação de talentos bilingues, criando mais oportunidades de desenvolvimento para os locais, e consolidando e dando pleno desempenho ao papel de Macau como Plataforma Sino-Lusófona.

A DSEDJ, por exemplo, estabeleceu um protocolo de cooperação com o Instituto Português do Oriente (IPOR) e com a Escola Portuguesa de Macau (EPM) para organizar um curso de formação em língua portuguesa com a duração de 4 anos, que visa proporcionar uma boa base para os estudantes que pretendem estudar no ensino superior de Portugal no futuro, de modo a aliviar as dificuldades linguísticas que enfrentam quando se deslocam a Portugal para prosseguir os estudos universitários (click2macao.com, 2023).

Em 2023, a DSEDJ lançou um curso chamado “O Programa de Iniciação de Aprendizagem da Língua Portuguesa” com a duração de 4 anos, destinado aos estudantes do ensino secundário de Macau que pretendem prosseguir os seus estudos em Portugal ou frequentar no curso relacionado com a língua portuguesa. Segundo a DSEDJ (2023), o programa tem como objetivos:

- Cultivar competências abrangentes em língua portuguesa;
- Alargar os seus horizontes internacionais e elevar as habilidades de comunicação intercultural;

- Preparar para o prosseguimento de estudos;
- Orientar o planeamento da carreira.

O programa está organizado em níveis - **A1**, **A1-A2**, **A2** e **B1**, do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR) - e os alunos têm de completar os cursos relevantes ao nível do ensino secundário. Os estudantes do nível B1, que obtêm aprovação, realizam o exame DEPLE do Centro de Avaliação e Certificação de Português Língua Estrangeira (CAPLE). Ademais, os alunos qualificados no programa têm a possibilidade de participar num curso de verão realizado em Portugal, ou num retiro de língua portuguesa em Macau.

5.2. Contexto de desenvolvimento da App "Diz lá!"

Sendo um centro de diversidade de culturas e línguas, Macau está a registar um aumento da necessidade de tradução chinês-português. Para tornar as traduções melhores e mais rápidas, um grupo de investigadores pensou numa moderna tecnologia de processamento de informação. Neste sentido, foi assinado um acordo entre a UPM, a Guangdong University of Foreign Studies e a Global Tone Communication Technology, e criada uma parceria com o Laboratório de Tradução Automática Chinês / Português / Inglês (CPELAB) com três objetivos principais: promover a investigação de base tecnológica; aplicar alta tecnologia e formar recursos humanos neste domínio (Fórum, 2016).

O Laboratório, instalado na própria UPM, utiliza *big data*, ou seja, megadados e computação em nuvem a fim de melhorar e normalizar as traduções chinês-português. O objetivo é ajudar os tradutores a enfrentar os desafios, sendo que podem ser desde questões interlinguísticas e interculturais. O Laboratório também se concentra em várias áreas de investigação, incluindo o Processamento de Corpora em Chinês, Português e Inglês; a Máquina de Tradução Automática; as Tecnologias para o Processamento de Linguagem Natural, entre outros (CPE Laboratório, n.d.).

Em 2018, com o plano estratégico "Uma Faixa, Uma Rota"⁸ e o posicionamento de Macau como a plataforma entre a China e os PLP, a primeira aplicação móvel de

⁸ A iniciativa "Uma Faixa, Uma Rota" constitui um plano estratégico abrangente liderado pelo Governo da China, destinado a promover a integração económica e o desenvolvimento de infraestruturas em vários países.

Macau "Diz lá!" marcou o seu lançamento, sendo um projeto iniciado pelo Governo da RAEM e desenvolvido pela UPM. A criação da aplicação envolveu o Laboratório da UPM e o Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa (CPCLP). A App foi especificamente concebida para os estudantes de língua portuguesa em Macau e na China continental, também para os viajantes que se aventuram nos territórios lusófonos em negócios e turismo, simplificando a própria aprendizagem da língua portuguesa.

Figura 3 - O logotipo da App "Diz lá!"



Fonte: CPE Laboratório, 2022

Na conferência do lançamento da "Diz lá!", Alexis Tam, o ex-Secretário para os Assuntos Sociais e Cultura de Macau manifestou a sua convicção no crescimento da difusão da língua portuguesa, impulsionada pela globalização e pela comunidade dos PLP, e asseverou que o serviço de conversão chinês-português no telemóvel podia ajudar a preencher a lacuna de novos instrumentos de aprendizagem da língua em Macau (GOV.MO, 2018).

No esforço para aprofundar e incentivar o intercâmbio de conhecimentos entre a língua chinesa e portuguesa, a UPM lançou uma versão atualizada da "Diz lá!" em 2022. Em comparação com a sua antecessora, a aplicação está completamente renovada, apresentando uma atualização abrangente e oferecendo uma grande variedade de novos conteúdos bilíngues, bem como a função de voz real em português europeu (GOV, 2022).

Figura 4 - Página principal da App “Diz lá!”



Fonte: Diz lá!, 2024

5.3. Características da App "Diz lá!"

Com esta aplicação, os aprendentes podem ter acesso às seguintes funções: **Palavra do dia**, **Conjugador**, **Vocabulário**, **Comunicação**, **Vídeo** e **Jogo**. A App apresenta três idiomas para a exibição, nomeadamente o chinês (tradicional e simplificado) e o português.

Segundo o Portal da RAEM (2022), a "Diz lá!" atualizada mantém as características da versão antiga, oferecendo seções sobre conversas frequentemente utilizadas, vocabulário de uso comum, conjugações verbais, vídeos divertidos e a função de consultar as conjugações verbais.

A secção do vocabulário tem agora uma série de novas categorias sobre a cultura chinesa e portuguesa, para além dos tipos originais. Novas informações e frases para conversação mais práticas juntam-se aos habituais na secção sobre comunicação para além das categorias originais, lidando com todos os domínios da vida na cidade.

Simultaneamente, os conteúdos das partes anteriores são apresentados em português europeu com pronúncia autêntica, com o objetivo de proporcionar aos

aprendentes um percurso de estudo simples, rápido e útil. Para além destas atualizações, o desenho da aplicação, ou seja, a interface gráfica foi modernizada, tornando-a mais agradável ao olhar, divertida e interativa.

Figura 5 - As quatro principais funções da App “Diz lá!”



Fonte: Diz lá, 2024

5.3.1. Palavra do dia

Esta função permite aos aprendentes descobrirem uma nova palavra portuguesa todos os dias. Esta capacidade é particularmente vantajosa para os que têm atualmente um nível médio de português e querem expandir o seu vocabulário.

Cada termo é acompanhado do seu significado, de exemplos de frases que demonstram a sua utilização, de imagens para ajudar à compreensão e da pronúncia lida por um falante nativo de português europeu. Para além disso, os utilizadores podem, ao mesmo tempo, ver a tradução chinesa tradicional ou simplificada.

Figura 6 - Função “Palavra do Dia”



Fonte: Diz lá!, 2024

5.3.2. Vocabulário

Os utilizadores podem explorar mais de 1.000 palavras essenciais em português, organizadas em vários grupos para uma pesquisa conveniente (CPELAB, 2023). As palavras estão organizadas em 33 categorias e cada palavra inclui uma imagem com a tradução em chinês (tradicional ou simplificada), o que ajuda a compreender o seu significado, bem como a pronúncia vocalizada por um falante nativo de português europeu.

Além das categorias comuns para os iniciantes, como Animais, Cores, Corpo humano, Desporto, Números, Membros da família, Profissões, entre outros, estão incluídos alguns temas mais específicos e científicos, nomeadamente:

- 24 Termos Solares;
- Culinária de Macau;
- Cultura de Chá;
- Horóscopo chinês e signos;
- Palavras-chave sobre a pandemia de COVID-19;
- Património Mundial de Macau, etc.

Figura 7 - Lista de palavras na Categoria “Culinária de Macau”



Fonte; Diz lá!, 2024

5.3.3. Comunicação

Esta secção oferece uma grande quantidade de frases de uso corrente, aplicáveis a discussões numa variedade de circunstâncias quotidianas e que se divide em 47 grupos. Os utilizadores têm a opção de ouvir as frases ou textos breves lidos por um falante nativo de português europeu, e consultar as frases juntamente com a sua tradução chinesa (simplificada ou tradicional).

Nesta função, os utilizadores têm as opções de aprender diferentes tópicos de conhecimentos incluindo Expressões comuns, Informações pessoais, Data e hora, Pedir indicações, Fazer compras, No restaurante, Saúde, entre outros. Ademais, abrangem-se também alguns cenários e temas mais específicos, informações culturais e políticas como as seguintes:

- Uma Faixa, Uma Rota;
- Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau;

- Países e regiões de língua portuguesa (os PLP e Macau estão separadamente categorizados);
- No salão de cabeleireiro;
- Cuidar de animais de estimação;
- Jardinagem;
- Gastronomia portuguesa, entre outros.

Figura 8 - Lista de frases da categoria “Gastronomia Portuguesa”



Fonte: Diz lá!, 2024

5.3.4. Conjugador e Vídeo

A função Conjugador está dividida em duas secções (**Verbos Frequentes** e **Todos os Verbo**) e destina-se aos aprendentes de português de todos os níveis de proficiência.

Segundo o CPELAB (2023), esta ferramenta permite-lhe explorar a conjugação de mais de 15 000 verbos em todos modos e tempos verbais. Para além disso, apresenta-se também a pronúncia e a tradução chinesa de cada verbo na secção Verbos Frequentes.

Figura 9 - Função “Conjugador”



Fonte: Diz lá, 2024

Na função Vídeo, é possível assistir aos vídeos produzidos pela equipa da UPM e estão organizados em duas categorias, sendo que a primeira é **Curiosidades do Português** e abrange temas como por exemplo, a dança folclórica portuguesa. A segunda é **Universidade Politécnica de Macau**, incluem vídeos que apresentam e introduzem a UPM aos utilizadores, tendo o fim de ser uma promoção aos públicos.

Figura 10 - Página da função “Vídeo”



Fonte: Diz lá!, 2024

5.3.5. Jogo

Nesta funcionalidade, os aprendentes podem utilizar o jogo de mini-teste integrado na aplicação para melhorar os seus conhecimentos em língua portuguesa. O jogo está dividido em três níveis e contém 15 perguntas no Nível 1, 21 no Nível 2 e 30 no Nível 3, sendo que as perguntas são de "escolha múltipla", "preenchimento lacunar" e "verdadeiro ou falso" para cada nível. A maioria dos conteúdos do jogo está relacionada com as palavras mencionadas na **Palavra do dia** e as respostas devem ser apresentadas em português. Entretanto, os utilizadores podem mudar de idioma para fazer os testes com perguntas em português ou chinês (tradicional ou simplificado).

5.4. Pontos fortes e limitações da App

A evolução dos programas móveis para a aprendizagem de línguas tornou-se uma ferramenta inovadora no cenário educativo contemporâneo. A App "Diz lá!" destaca-se como uma etapa pioneira em Macau que espera ajudar os estudantes chineses no seu processo da aquisição da língua portuguesa. Esta secção pretende investigar as influências e limitações desta aplicação, analisando a forma como pode potencializar o processo de aprendizagem para esse público em particular. A observação das funcionalidades, dos conteúdos e da interface, permite compreender como a App "Diz lá!" se situa no cenário da aprendizagem de línguas e identificar os elementos que podem ser melhorados para garantir uma experiência mais agradável e gratificante para os utilizadores no desenvolvimento da sua proficiência em português.

5.4.1. Conteúdos diversificados e pragmáticos

Uma das vantagens da aplicação "Diz lá!" para os aprendentes chineses de português é a vasta seleção de conteúdos. A App fornece uma variedade de recursos linguísticos, tais como palavras, frases e expressões fundamentais que abrangem diferentes tópicos, situações e graus de dificuldade. Como mencionado, as funções **Vocabulário** e **Comunicação** fornecem respetivamente 33 e 47 temas aos utilizadores, e esta seleção diversificada de conteúdos permite aos usuários chineses explorar várias facetas da língua portuguesa, desde o vocabulário básico a frases e informações mais complexas, oferecendo uma experiência de aprendizagem inclusiva.

De um ponto de vista prático, a variedade de temas oferecidos pela aplicação proporciona ao utilizador o vocabulário português que pode ser utilizado em situações reais de comunicação, e alguns deles até acrescentam vocabulário cultural, político e geográfico ao vocabulário do utilizador. Há temas como "24 Termos Solares", "Culinária de Macau", "Cultura de Chá", "Horóscopo chinês e signos" e "Património Mundial de Macau", os quais facultam aos aprendentes conhecimentos sobre a fusão da cultura chinesa e ocidental. Entre as categorias, os conteúdos de "Culinária de Macau" e "Património Mundial de Macau" podem acrescentar as características de Macau à aplicação, o que pode ajudar os aprendentes, especialmente os estudantes de língua portuguesa em Macau, a consultar o vocabulário português deste cidade onde o Oriente se encontra com o Ocidente. A categoria "Palavras-Chave sobre a pandemia de COVID-19", por sua vez, representa a capacidade da aplicação de se manter a par dos tempos, oferecendo aos alunos um glossário de termos relacionados com uma das questões de saúde pública que marcou a nossa vida nos últimos tempos. Além disso, a secção Vocabulário é também a função utilizada com mais frequência pelos aprendentes. Segundo o inquérito realizado, das 32 respostas válidas recolhidas, 27 inquiridos (84,4%) indicaram que a consulta do "Vocabulário" era o que os levava a utilizar esta App, o que mostra que a função pode efetivamente fornecer aos utilizadores um extenso leque de vocabulário útil.

Na secção Comunicação, todos os conteúdos cobrem situações da vida quotidiana. No entanto, para além dos tópicos de conversação que seriam abordados num típico manual de português, esta função também inclui tópicos que os alunos têm menos probabilidade de encontrar nos manuais e que também teriam a oportunidade de encontrar mais frequentemente na sua vida quotidiana, tais como "Entrevista", "Alugar casa", "No salão de cabeleireiro", "No aeroporto", "Namoro e casamento", "Cuidar de animais de estimação", "Jardinagem", entre outros. Para além das conversas quotidianas aprendidas nos manuais de L2/LE, os temas anteriores permitem aos aprendentes absorver expressões e frases utilizadas noutras situações do dia a dia.

Salvo a aprendizagem de diferentes frases para diálogos, a função inclui igualmente frases informativas, como na categoria "Uma Faixa, Uma Rota" e "Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau", que permitem aos aprendentes utilizar a função de referência bilingue (chinês-português) para aprender aspetos de cariz estratégico. Quanto à categoria de "Países e regiões de língua portuguesa", esta permite que os

alunos se tornem estudantes competentes em língua portuguesa e conheçam informações básicas e geográficas de cada país e região.

O enriquecimento do vocabulário através da funcionalidade Palavra do Dia é uma maneira ideal para a aquisição de línguas através de aplicações móveis, pois expande o repertório lexical dos utilizadores, promovendo simultaneamente a prática habitual e contínua, o que solidifica a compreensão de novos conhecimentos linguísticos. Portanto, a função cria uma rotina de aprendizagem regular, cativando os utilizadores e alimentando a sua motivação para ampliar o seu vocabulário, o que corresponde a um dos requisitos da adoção do SDL. Além disso, essa abordagem incremental e metódica permite que os alunos absorvam a nova terminologia com proficiência, contornando a sobrecarga cognitiva que poderia impedir a memorização.

5.4.2. Conjugador móvel

De acordo com o inquérito por questionário realizado, o Conjugador é a segunda funcionalidade da App com maior utilização entre os aprendentes. De facto, das 32 respostas válidas, 22 inquiridos (66,8%) indicaram ser esta a principal função que os levava a utilizar a App, o que revela que o Conjugador é um elemento valioso.

A inclusão de uma função para conjugações verbais numa aplicação de aprendizagem de português é relativamente amigável para os falantes nativos de chinês, porque não existe conjugação verbal no sistema gramatical na língua chinesa, portanto, no processo da aprendizagem de português dos estudantes chineses, a conjugação verbal é, muitas vezes, uma grande dificuldade, sobretudo nos níveis iniciais (A1 e A2) e intermédio (B1), pelo que esta função pode facilitar-lhes a verificação dos modos e tempos verbais de uma forma mais conveniente e rápida. Os conjugadores abrangem uma ampla variedade de verbos, permitindo aos utilizadores explorarem e praticarem diferentes modos e tempos verbais, ampliando o seu vocabulário e a compreensão de verbos desconhecidos. Os estudantes de português podem utilizar o conjugador para explorar diversos verbos e verificar a exatidão do seu uso em conversas ou na escrita, corrigir erros e melhorar a precisão linguística. A presença do conjugador na aplicação móvel proporciona uma ferramenta autónoma para consultar e praticar a conjugação de verbos a qualquer hora e em qualquer lugar, promovendo a independência no processo de aprendizagem, para que se combine o modelo de aprendizagem do SDL.

5.4.3. Escassez de conteúdos na categoria Vídeo

Na aplicação, a secção Vídeo apresenta uma limitação notável que afeta negativamente a experiência de aprendizagem dos utilizadores. Com apenas dois vídeos relacionados com a língua portuguesa para visualização, esta categoria carece evidentemente de recursos audiovisuais para apoiar adequadamente o processo de aprendizagem. A escassez de conteúdos de vídeo e a exposição repetida corre o risco de desmotivar e desinteressar os aprendentes, comprometendo assim a eficácia do processo de aprendizagem e também da própria aplicação do SDL.

Dado o pequeno número de vídeos oferecidos, os alunos têm um âmbito restrito de temas abordados, contextos linguísticos apresentados e estilos de comunicação examinados. Ademais, o potencial dos aprendentes para se depararem com uma variedade de circunstâncias no uso de português torna-se limitado, sendo que a experiência de um vasto espectro de contextos em que uma língua se desenrola desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da compreensão auditiva e das capacidades de expressão oral.

Outra questão fundamental é o papel indispensável que os meios visuais e auditivos desempenham na assimilação de novas ideias linguísticas. Os vídeos proporcionam aos alunos a possibilidade de observar e ouvir a língua num ambiente autêntico, facilitando assim a compreensão e a interiorização de vocabulário novo, formas gramaticais e pronúncia exatas.

5.4.4. Limitação semântica dos significados chineses no Conjugador

A secção Conjugador oferece um repertório de significados incompleto na língua chinesa, revelando-se uma limitação óbvia que pode impedir o processo de aprendizagem para os aprendentes de língua chinesa. A divisão dos verbos em apenas duas categorias, "Verbos Frequentes" e "Todos os Verbos", pode gerar confusão e frustração entre os utilizadores, quando estes se apercebem que as traduções chinesas estão detalhadas apenas para um dos grupos, o de "Verbos Frequentes". Embora os utilizadores tenham acesso aos significados chineses dos verbos considerados "frequentemente", a falta de tais interpretações na categoria "Todos os Verbos" limita a sua capacidade de explorar e compreender um conjunto mais abrangente de termos verbais.

Esta inconsistência na incorporação de traduções para verbos nos diferentes grupos disponíveis na App pode causar incômodo aos aprendentes e também dificultar a compreensão e o uso adequado desses verbos, particularmente para indivíduos cuja língua materna é o chinês. Além disso, para os falantes que dependem muito das traduções chinesas como ponto de referência, a ausência de significados apresentados em chinês pode dificultar ainda mais a assimilação e a aplicação dos verbos aprendidos.

5.4.5. Falhas na secção Jogo

Embora o jogo de mini-teste seja uma boa maneira para rever e consolidar os conteúdos aprendidos na App “Diz lá!”, ela contém alguns problemas, ou seja, algumas falhas em todos os níveis na própria secção Jogo, o que afeta negativamente a utilização do recurso e a sua eficácia. As falhas incluem,

- **Conteúdos limitados:** A limitação dos conteúdos das perguntas apenas à elucidação das definições das palavras apresentadas no segmento "Palavra do dia" restringe consideravelmente a diversidade e a abrangência dos conhecimentos avaliados. Isto diminui a utilização do mini-teste como meio de examinar e reforçar o estudo em domínios linguísticos abundantes.
- **Repetição de perguntas:** A inclusão repetida de perguntas substancialmente semelhantes, embora com opções ou formas de resposta marginalmente diferentes, diminui a qualidade e a aplicabilidade desse tipo de exercícios. Este padrão de duplicação pode dar origem ao aborrecimento e diminuir o entusiasmo dos aprendentes, contrariando a eficácia do jogo como instrumento para rever e consolidar os conhecimentos aprendidos.
- **Falta de atualização dos conteúdos:** A falta de atualização dos conteúdos faz com que os aprendentes realizem diversas vezes os mesmos mini-testes. Isto põe em causa o papel do jogo para manter os aprendentes envolvidos e inspirados a longo prazo, uma vez que não existem novidades ou atualizações.

5.5. Sugestões de melhoria

A melhoria consistente de uma App móvel focada no ensino da língua portuguesa é crucial para garantir a resposta às necessidades e expectativas dos seus utilizadores, proporcionando um encontro de aprendizagem poderoso e envolvente. Esta parte do

capítulo irá proporcionar um conjunto de sugestões de melhoria centradas no aperfeiçoamento de diferentes aspetos-chave da App, desde a divulgação até à otimização da experiência de utilizadores. Ao analisar os elementos de melhoria identificados, espera-se que as opiniões valiosas sejam pragmáticas para o avanço e a evolução contínua da App, garantindo que a "Diz lá" continua a ser uma ferramenta indispensável e bem-sucedida para os estudantes chineses da língua portuguesa.

Em primeiro lugar, a abrangência de um maior número de utilizadores e o aumento da popularidade da aplicação dependem da execução de iniciativas promocionais mais inclusivas e com maior impacto. No inquérito realizado, foi feita a pergunta sobre a divulgação desta aplicação e, entre os respondentes (43 respostas recolhidas), 34 (79,1%) consideraram que a "Diz lá!" não é suficientemente divulgada. Neste aspeto, olhando para as 42 respostas válidas, 35 dos inquiridos (83,3%) consideraram que a divulgação pode ser efetuada com recurso às redes sociais, nomeadamente à página da própria universidade; 27 (64,3%) consideraram importante a divulgação no site oficial da universidade; 20 (47,6%) e 19 (45,2%) referiram o recurso aos *media* (televisões e jornais). A necessidade de serem realizados de esforços de *marketing digital*⁹ específicos, como a colocação de anúncios nas plataformas das redes sociais, ficou assim evidente. Esta maneira tem o potencial de aumentar a descoberta e os descarregamentos de uma forma direcionada. Para além disso, a articulação com instituições de educação (como DSEDJ), organizações do ensino da língua portuguesa (por exemplo IPOR) ou até com influenciadores (como os *influencers*¹⁰ que trabalham na área do ensino do português) são estratégias a considerar, pois fomentam uma adoção mais alargada da aplicação. Sem esquecer que estas colaborações podem ajudar a divulgar a funcionalidade e os benefícios da ferramenta junto dos utilizadores pretendidos.

Por outro lado, na questão relativa aos pontos fracos da App, das 31 respostas recebidas, 14 dos inquiridos (45,2%) referiram que os conteúdos da "Diz lá!" são insuficientes para a melhoria dos seus conhecimentos linguísticos, sendo que os conteúdos na aplicação se destinam aos utilizadores que estão no nível inicial e intermédio. Portanto, é melhor reconhecer a variedade de níveis de competência entre

⁹ O *marketing digital* engloba o conjunto de ações e estratégias criadas para aumentar a visibilidade da marca em plataformas *online*, com o objetivo final de impulsionar a promoção de produtos e serviços.

¹⁰ O *influencer* é um indivíduo que produz conteúdos em plataformas de redes sociais e tem a capacidade de influenciar os seus seguidores através das suas ações e comportamento.

os utilizadores e alargar o material da aplicação para responder às necessidades dos utilizadores mais avançados. Isto pode ser conseguido através da conceção de módulos ou áreas empenhadas em temas mais experimentais e complexos como literatura, cultura e temas de conversação avançada, garantindo assim que a aplicação permaneça aplicável e valiosa para os usuários em todas as fases de aprendizagem do português.

Nos outros aspetos referentes aos pontos fracos, 15 (48,4%) e 13 (41,9%) inquiridos consideraram respetivamente que a fluidez da utilização e o tempo da conexão são aspetos negativos da “Diz lá!”. Aliás, quando se usa a aplicação, existem atrasos no carregamento de funcionalidades e interfaces selecionadas ou até interrupções durante a utilização, bem como alguns segundos de espera após a alteração da exibição de idioma. Uma garantia da experiência fluida e satisfatória é fundamental para qualquer aplicação, visto que uma utilização sem impedimentos permite aos utilizadores atingirem os seus objetivos de forma eficiente. Para tal, recomenda-se a otimização dos servidores da aplicação. Esta otimização garante tempos de resposta ágeis e consistentes. Além disso, é aconselhável a realização de testes periódicos de desempenho e de acessibilidade da App. Estes testes permitem a identificação e resolução de problemas.

Na secção de Jogo, a aplicação do mini-teste pode ter como objetivo avaliar e aprofundar a proficiência linguística. No entanto, é essencial abordar as deficiências identificadas a fim de aumentar a eficácia e a qualidade do mini-teste, como os conteúdos limitados, a presença de questões repetitivas e a falta de atualização dos conteúdos. Neste sentido, é preciso implicar revisões e atualizações regulares para os conteúdos do Jogo e incluir uma gama mais diversificada de temas, para que o mini-teste seja exclusivo e pertinente. Ao mesmo tempo, evita-se a redundância das perguntas e garante-se que o Jogo seja desafiador para os aprendentes, proporcionando-lhes uma experiência enriquecedora.

Por último, para superar a insuficiência na seção Vídeo, é viável que a UPM invista na expansão e diversificação dos conteúdos na categoria de vídeo. Os conteúdos audiovisuais podem ser enriquecidos através da criação interna de vídeos originais ou da incorporação de recursos externos, como vídeos educativos, informativos e científicos, ou até programas televisivos em português. Esta estratégia proporciona aos utilizadores uma gama diversificada de materiais audiovisuais, melhorando assim a sua experiência de aprendizagem e facilitando o seu progresso na aquisição da língua portuguesa.

Considerações finais

A presente dissertação investiga temas pertinentes no domínio da aquisição e aprendizagem de uma segunda língua, enfatizando o valor do *Self-Directed Learning* (SDL) e a utilização de tecnologias móveis como ferramentas facilitadoras. Ao longo dos capítulos, é feita uma exploração das potencialidades e dos constrangimentos da SDL, relacionando-a com o SRL. Com base nesta área, analisa-se a APP para telemóveis "Diz lá!", desenvolvida pela Universidade Politécnica de Macau (UPM), revelando aspetos relativos ao ensino-aprendizagem do português em Macau, bem como as características únicas desta aplicação. Ao acentuar os pontos fortes e as limitações da aplicação, foram identificadas áreas suscetíveis de serem melhoradas, o que permitiu apresentar recomendações para otimizar a sua eficácia enquanto recurso educativo.

O estudo centrou-se primeiramente no conceito de aquisição/aprendizagem de L2, de acordo com as cinco hipóteses de Krashen (1982). Já na segunda etapa, abordou-se o SDL a partir do modelo de M. Knowles (1975) e as suas potencialidades no contexto da aquisição de L2/LE. Posteriormente, foram feitas investigações sobre a utilização das tecnologias móveis na aprendizagem de uma L2, abrangendo as abordagens do *Computer-Assisted Learning* (CALL), *e-learning*, *b-learning*, *m-learning*, e significativamente o *Mobile-Assisted Language Learning* (MALL). Por último, como a tecnologia móvel conhece uma tendência crescente no domínio da aprendizagem de línguas, efetuou-se a análise da aplicação móvel "Diz lá", com o suporte dos resultados obtidos com a aplicação *online* de um inquérito por questionário aos utilizadores desta aplicação em Macau.

Relativamente ao SDL, ele é uma estratégia dinâmica e personalizada para adquirir uma L2/LE. O principal benefício centra-se na autonomia concedida aos aprendentes, sendo que estes têm a liberdade de determinar os seus objetivos, controlar o seu ritmo e utilizar abordagens de estudo personalizadas, promovendo um envolvimento mais profundo e aumentando o sentido de responsabilidade dos aprendentes no seu progresso linguístico. Além disso, a aprendizagem autónoma permite uma maior personalização do percurso de aprendizagem, adaptando-se às diferentes necessidades, interesses e modalidades de aprendizagem do indivíduo, o que garante uma experiência personalizada. No entanto, o SDL também apresenta algumas limitações, especialmente para aprendentes inexperientes ou com baixa motivação intrínseca. A falta de estrutura e

orientação pode resultar em um direcionamento inadequado dos estudos, levando a lacunas no conhecimento ou à desmotivação. Adicionalmente, alguns deles podem enfrentar dificuldades em desenvolver as habilidades de autorregulação necessárias para um SDL eficaz. Portanto, embora o SDL ofereça uma abordagem flexível e personalizada, a sua eficácia depende da motivação, maturidade e apoio fornecido aos aprendentes.

Da análise da aplicação "Diz lá!", retém-se que esta se destaca por oferecer conteúdos diversificados e práticos, ajudando o percurso de aprendizagem dos utilizadores com conhecimentos abrangentes e adequados a situações diárias. Ademais, a sua funcionalidade de conjugação verbal revela-se inestimável, especialmente para os aprendentes chineses que enfrentam desafios específicos devido às diferenças gramaticais entre a sua língua materna e a língua portuguesa. No entanto, algumas limitações são identificadas, nomeadamente a escassez de conteúdos na secção de vídeos, o que reduz a diversidade de exposição linguística. Além disso, o défice de traduções chinesas nos verbos na secção Conjugador evidencia-se como um elemento limitador para os utilizadores. Por outro lado, a secção Jogo apresenta falhas, como a repetição excessiva de questões semelhantes e conteúdos desatualizados no mini-teste de três níveis, comprometendo a sua utilidade como ferramenta de revisão e consolidação. Essa análise destaca elementos de melhoria que podem aprimorar a eficácia geral da aplicação no suporte ao processo de aprendizagem de português por parte dos estudantes em Macau e no Interior da China.

Em suma, os entusiastas das línguas adotam normalmente diversas estratégias para expandir a sua proficiência linguística, englobando tanto o ensino convencional como a aprendizagem autónoma para além das salas de aula, utilizando as vantagens de cada abordagem para absorver conhecimentos linguísticos. Portanto, o presente trabalho não pretende contrastar estas duas abordagens distintas, mas inspirar os aprendentes de língua não materna a aproveitarem os recursos disponíveis, para que maximizem os seus conhecimentos linguísticos mesmo na ausência de orientação direta. Por outro lado, embora a aplicação "Diz lá!" apresente deficiências, esta representa um passo crucial no avanço da tecnologia móvel para a aprendizagem da língua portuguesa em Macau. À medida que o impulso para a divulgação da aprendizagem do português persiste, prevê-se que esta ferramenta seja continuamente aperfeiçoada, otimizando a sua funcionalidade como recurso pragmático.

Referências bibliográficas

- A Learning Journey. (2017, March 13). *Self-Directed vs Self-Regulated Learning*. A Learning Journey. Recuperado de: <https://alearningjourneyweb.wordpress.com/2017/03/13/self-directed-vs-self-regulated-learning/>
- Batista, S. C. F., Behar, P. A., & Passerino, L. M. (2010). Contribuições da Teoria da Atividade para M-Learning. *Renote*, 8 (2).
- Beaven, A. (2021). Learning without a teacher: self-directed language learning in the digital wilds. *Innovative Language Pedagogy Report*, 43–47.
- Brandt, W. C. (2020). Measuring Student Success Skills: A Review of the Literature on Self-Directed Learning. 21st Century Success Skills. In *ERIC*. National Center for the Improvement of Educational Assessment. Recuperado de: <https://eric.ed.gov/?id=ED607782>
- Brockett, R. G. (1985). The Relationship Between Self-Directed Learning Readiness and Life Satisfaction Among Older Adults. *Adult Education Quarterly*, 35(4), 210–219.
- Butler-Pascoe, M. E. (2011). The History of CALL: The Intertwining Paths of Technology and Second/Foreign Language Teaching. *International Journal of Computer-Assisted Language Learning and Teaching (IJCALLT)*, 1(1), 16–32.
- CANALE, M., & Swain, M. (1980). Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing. *Applied Linguistics*, 1(1), 1–47.
- Candy, P. C. (2004). *Linking thinking: Self-directed learning in the digital age*. Canberra, Australia: Department of Education, Science and Training.
- Caudill, J. G. (2007). The Growth of m-Learning and the Growth of Mobile Computing: Parallel developments. *The International Review of Research in Open and Distributed Learning*, 8(2).
- Cecilia Titiek Murniati, Hartono, H., & Agus Cahyo Nugroho. (2023). The challenges, supports, and strategies of self-directed learning among college students. *Journal of Education and Learning*, 17(3), 365–373.
- Celce-Murcia, M. (1991). *Teaching English as a Second Or Foreign Language*. Heinle & Heinle, a division of Thompson Learning, Inc.
- Chomsky, N. (1965). *Aspects of the theory of syntax*. The Mit Press.

- Clark, A., & Lappin, S. (2013). Complexity in Language Acquisition. *Topics in Cognitive Science*, 5(1), 89–110.
- Cooley, R. E., & Roach, D. A. (1984). A Conceptual Framework. In R. N. Bostrom (Ed.), *Competence in Communication: A Multidisciplinary Approach* (p. 25). Beverly Hills, CA: Sage.
- CPE Laboratório. (2023). *Chinese-Portuguese-English Machine Translation Laboratory*. Mpu.edu.mo. Recuperado de:
https://cpelab.mpu.edu.mo/index_pt.php
- DSEDJ. (n.d.). *Programa de Iniciação de Aprendizagem da Língua Portuguesa*. Portal.dsedj.gov.mo. Retrieved March 16, 2024, Recuperado de:
https://portal.dsedj.gov.mo/webdsejspace/addon/allmain/msgfunc/Msg_funclink_page.jsp?msg_id=98302
- Edusoft. (2020, September 21). *MALL: Mobile Assisted Language Learning*. Edusoft.
<https://edusoftlearning.com/mall-mobile-assisted-language-learning/>
- Eroğlu, M., & Özbek, R. (2018). The Investigation of the Relationship Between Attitudes Towards E-Learning and Self-Directed Learning with Technology of Secondary School Students. *International Online Journal of Educational Sciences*, 10(5).
- Escaleara, M. d. L. N. (2017). Língua Portuguesa na Região Administrativa Especial de Macau: políticas e programas do ensino do português como língua estrangeira. *Linguarum Arena*, 8, 49-68.
- Gallego Espinosa, V. M. (2008). “CALL” computer assisted language learning. *Letras ConCiencia Tecnológica*, 4, 42–48.
- Gomes Da Silva, V., Mazzilly, R., & De Souza, S. (2016). *E-Learning, B-Learning, M-Learning and the technical and pedagogical aspects on the new platform trends as massive open online courses*, 84–99.
- Grover, K. S., Miller, M. T., & Porter, S. A. (2017). Mature adult learners, self-directed learning practices, and quality of life. *International Journal of Self-Directed Learning*, 14(2), 1-12.
- HEO, J. C., & HAN, S. (2022). Challenges and Problems on Self-directed Learning Readiness in Non-face-to-face Educational Settings During COVID-19. *OBM Neurobiology*, 06(04), 1–11.
- Hiemstra, R., & Brockett, R. G. (1994). *Overcoming resistance to self-direction in adult learning*. Jossey-Bass.
- Hrastinski, S. (2008). *Asynchronous and synchronous e-learning*. Recuperado de:

- https://www.researchgate.net/publication/238767486_Asynchronous_and_synchronous_e-learning
- JENKINS, A., & MOSTAFA, T. (2014). The effects of learning on wellbeing for older adults in England. *Ageing and Society*, 35(10), 2053–2070.
- Knowles, M. S. (1990). *The adult learner: A neglected species* (4th ed.). Gulf Publishing.
- Pemberton, R., Cooker, L. (2012). *Self-directed Learning: Concepts, Practice, and a Novel Research Methodology*. In: Mercer, S., Ryan, S., Williams, M. (n.d.) *Psychology for Language Learning*. Palgrave Macmillan, London.
- Suanmali, C. (1981). *The Core Concepts of Andragogy*. Columbia University Teachers College, San Francisco, CA, USA.
- 捷報. (2023, June 6). 【捷報網】— 教青局將向中學生推葡語培訓冀提升基礎 | Recuperado de: <https://www.click2macao.com/2023/06/06/jqjjxzxs/>
- Jones, S. (2015). *PLATO | computer-based education system*. Britannica Recuperado de: <https://www.britannica.com/topic/PLATO-education-system/additional-info#history>
- José Alberto Lencastre, & José Henrique Chaves. (2005). *O b-learning como metodologia de aprendizagem: um estudo para a sua utilização na disciplina de Tecnologia Educativa*.
- Keegan, D. (2002). *E-learning: o papel dos sistemas de gestão da aprendizagem na Europa*. INOFOR - Instituto para a Inovação na Formação.
- Knowles, M. S. (1975). *Self-Directed Learning: A Guide for Learners and Teachers*. Association Press, Broadway, New York. <https://eric.ed.gov/?id=ED114653>
- Koessmeier, C., & Büttner, O. B. (2021). Why Are We Distracted by Social Media? Distraction Situations and Strategies, Reasons for Distraction, and Individual Differences. *Frontiers in Psychology*, 12(711416). Recuperado de: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8674581/>
- Krashen, S. D. (1982). Principles and practice in second language acquisition. *The Modern Language Journal*, 67(2).
- Kukulska-Hulme, A., & Shield, L. (2008). An overview of mobile assisted language learning: From content delivery to supported collaboration and interaction. *ReCALL*, 20(3), 271–289.
- Liu, Y., & Li, H. (2009). What drives m-learning success? – drawing insights from self-directed learning theory. *Pacis 2009 Proceedings*, 111.

- Loeng, S. (2020). Self-Directed learning: A core concept in adult education. *Education Research International*, 2020(1), 1–12.
- Loyens, S. M. M., Magda, J., & Rikers, R. M. J. P. (2008). Self-Directed Learning in Problem-Based Learning and its Relationships with Self-Regulated Learning. *Educational Psychology Review*, 20(4), 411–427.
- Madeira, A. (2017). Aquisição de língua não materna. *Aquisição de Língua Materna E Não Materna: Questões Gerais E Dados Do Português*, 305–330. Recuperado de: <https://zenodo.org/records/889441>
- Miangah, T. M., & Nezarat, A. (2012). Mobile-Assisted Language Learning. *International Journal of Distributed and Parallel Systems*, 3(1), 309–319.
- Moradi, H. (2018). Self-directed Learning in Language Teaching-learning Processes. *Modern Journal of Language Teaching Methods (MJLTM)*, 8(6), 59–64.
- Mujiono, & Herawati, S. (2019). The Effectiveness of E-learning based on Self-directed Learning on Sociolinguistic Competence of EFL University Students. *Proceedings of the International Conference on Education, Language and Society*, 336–343.
- National Research Council 2012. (2012). *Education for Life and Work*. National Academies Press. Recuperado de: <https://doi.org/10.17226/13398>
- Okoro, N. A.-L., Urenyere, R. U., & Osuji, E. A. (2022). Prospects and Challenges of Language Acquisition and Language Development: *Zaria Journal of Educational Studies (ZAJES)*, 22(2), 10–16. <https://zarjes.com/ZAJES/article/view/770>
- Pachler, N., Cook, J., & Bachmair, B. (2010). Appropriation of Mobile Cultural Resources for Learning. *International Journal of Mobile and Blended Learning*, 2(1), 1–21.
- Panadero, E. (2017). A Review of Self-regulated Learning: Six Models and Four Directions for Research. *Frontiers in Psychology*, 8(422). Recuperado de: <https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2017.00422/full>
- Pemberton, R., & Cooker, L. (2012). Self-directed Learning: Concepts, Practice, and a Novel Research Methodology. *Palgrave Macmillan UK EBooks*, 203–219.
- Physiopedia. (n.d.). *How to Focus for Learning*. Physiopedia. Recuperado de: https://www.physio-pedia.com/How_to_Focus_for_Learning
- Qiaorong, Y. (Org), & Albuquerque, F. D. (Org). (2019). O ensino do português na China: parâmetros e perspectivas. In *repositorio.ufrn.br*. EDUFRN.

- Recuperado de: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/27607>
- Ramos, A. A. L. (2021). Língua adicional: um conceito “guarda-chuva.” *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 13, 233–267.
- Sakri, A. (n.d.). *Methods and Approaches in Language Teaching: The Audio-lingual Method*. Recuperado de:
https://www.academia.edu/25359896/Methods_and_Approaches_in_Language_Teaching_The_Audio_lingual_Method
- Saks, K., & Leijen, Ä. (2014). Distinguishing Self-directed and Self-regulated Learning and Measuring them in the E-learning Context. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 112(112), 190–198.
- Santos, M. M. R. dos. (2020). Ensino de língua estrangeira: os métodos. *EntreLínguas*, 6(2 (jul./dez.)), 249–265.
- Schirmer, C. R., Fontoura, D. R., & Nunes, M. L. (2004). Language and learning disorders. *Jornal de Pediatria*, 80(2), 95–103.
- Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau). (2016, July 26). *Instituições de Macau e Interior da China vão construir máquina de tradução*. Fórum de Macau. Recuperado de: https://forumchinapl.org.mo/pt/economic_trade/view/3198
- Seljan, S., & Berger, N. (2004). *Computer-Assisted Language Learning (CALL)*.
- Silva, E. O. P. (2021). O USO DE METODOLOGIAS DE ENSINO DE L2 NA ABORDAGEM BILÍNGUE PARA SURDOS. *Educação: Pesquisa Em Linguagens, Leitura E Cultura*, 165–175.
- Silva, R. B. da. (2007). A brief discussion on the biological factors in the acquisition of language. *Revista Do GEL*, 4(2), 153–169. Recuperado de:
<https://revistadogel.emnuvens.com.br/rg/article/view/366/269>
- Silva, V. L. T. (2004). *Competência comunicativa em língua estrangeira (Que conceito é esse*. 4(8), 7–17.
- Smedley, A. (2007). The self-directed learning readiness of first year bachelor of nursing students. *Journal of Research in Nursing*, 12(4), 373–385.
- Spinassé, K. (2006). Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. *Revista Contingentia*, 1, 1–10.

- Tekkol, İ. A., & Demirel, M. (2018). An Investigation of Self-Directed Learning Skills of Undergraduate Students. *Frontiers in Psychology*, 9(2324). Recuperado de: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2018.02324/full>
- Universidade Politécnica de Macau. (2018, February 13). 學習葡語無界限 理工發佈 “中葡通”APP 暨發行葡語教學新書. 澳門特別行政區政府入口網站. Recuperado de: <https://www.gov.mo/zh-hant/news/232077/>
- Universidade Politécnica de Macau. (2022, December 30). 澳門理工大學推出新版“Diz Lá! 中葡通” 手機應用程式. 澳門特別行政區政府入口網站. Recuperado de: <https://www.gov.mo/zh-hant/news/953228/>
- Williamson, S. N. (2007). Development of a self-rating scale of self-directed learning. *Nurse Researcher*, 14(2), 66–83.
- Winters, N. (2007). What is mobile learning? *Big Issues in Mobile Learning*.
- Zimmerman, B. J. (1989). A social cognitive view of self-regulated academic learning. *Journal of Educational Psychology*, 81(3), 329–339.
- Zimmerman, B. J. (2002). Becoming a Self-Regulated Learner: An Overview. *Theory into Practice*, 41(2), 64–70.

Webgrafia

- NCpedia: <https://www.ncpedia.org/glossary/didactic-instruction>
- Techopedia: <https://www.techopedia.com/definition/5359/google>
- The Glossary of Education Reform: <https://www.edglossary.org/scaffolding/>
- Universidade Aberta: <https://portal.uab.pt/o-que-e-o-ensino-a-distancia/>

ANEXOS

ANEXO 1

Perguntas do inquérito por questionário disponibilizado aos aprendentes de português em Macau

Inquérito sobre o uso de aplicação móvel no contexto da aprendizagem de L2/LE

1. Utiliza aplicações móveis como ferramentas para a aprendizagem de uma segunda língua/língua estrangeira? *(Não há restrições quanto ao tipo de aplicações, incluindo aplicações para aprendizagem de LE, plataformas de redes sociais, jornais, plataformas de vídeos, dicionários, entre outros.)*

- Sim
- Não

2. Considera que o uso de aplicações móveis no acesso à língua-alvo é útil para o aumento da proficiência linguística?

- Sim
- Não
- Não faz ideia

3. Na sua opinião, qual é ou quais são o(s) benefício(s) do uso de aplicações móveis para a aprendizagem de línguas?

*** É possível fazer múltiplas escolhas**

- Conveniência
- Personalização
- Sem restrições de tempo e localidade
- Conteúdos diversificados
- Outros _____

4. Na sua opinião, qual é ou quais são a(s) desvantagem(ns) do uso de aplicações móveis para a aprendizagem de línguas?

*** É possível fazer múltiplas escolhas**

- Tamanho pequeno do ecrã

- Distração fácil (ex. utilizar o telemóvel para outra finalidade)
- Falta de motivação para aprendizagem
- Falta de *feedback* imediato do instrutor
- Outros _____

5. Conhece originalmente a aplicação "Diz lá!" desenvolvida pela Universidade Politécnica de Macau (UPM)? *(Se responder não, ignore as perguntas 8 a 14.)*

- Sim
- Não

6. Considera que esta aplicação não é suficientemente divulgada? *(Se escolher não, ignore a pergunta 7)*

- Sim,
- Não
- Não faz ideia

7. Na sua opinião, como se pode aumentar a divulgação?

*** É possível fazer múltiplas escolhas**

- Através do site oficial da universidade
- Através da página de redes sociais da universidade
- Através das notícias televisivas
- Através das plataformas jornais
- Outros _____

8. Em caso afirmativo, como teve conhecimento desta aplicação?

- Através das aulas
- Recomendação dos parceiros
- Através da internet ou das redes sociais
- Outros

9. No processo da sua aprendizagem da língua portuguesa, utiliza ou utilizava a “Diz lá!”? *(Se responder não, ignore as perguntas 10 a 13)*

- Sim
- Não

10. Que componente(s) é/são a sua principal utilização na aplicação?

* **É possível fazer múltiplas escolhas**

- Vocabulário
- Conjugador
- Comunicação
- Vídeo
- Jogo

11. Na sua opinião, qual/quais é/são a(s) mais-valia(s) da “Diz lá!”

* **É possível fazer múltiplas escolhas**

- Utilização simples
- Conteúdos diversificados
- Consulta das conjunções verbais
- Fornecimento da pronúncia nativa
- Outros _____

12. Considera que a "Diz lá!" fornece conhecimentos pragmáticos?

- Sim
- Não
- Não faz ideia

13. Na sua opinião, qual/quais é/são o(s) ponto(s) fraco(s) da “Diz lá!”

* **É possível fazer múltiplas escolhas**

- Interface gráfica
- Fluência de utilização
- Tempo para a conexão
- Conteúdos demasiado difíceis
- Conteúdos demasiado fáceis
- Outros _____

14. Recomendaria a "Diz lá!" a outros aprendentes da língua portuguesa?

- Sim
- Não